

LI RIMBORSO PER IL SERVIZIO CLIENTI

Il servizio Clienti è gratuito per tutti i clienti della Banca di Sicilia. Per saperne di più, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

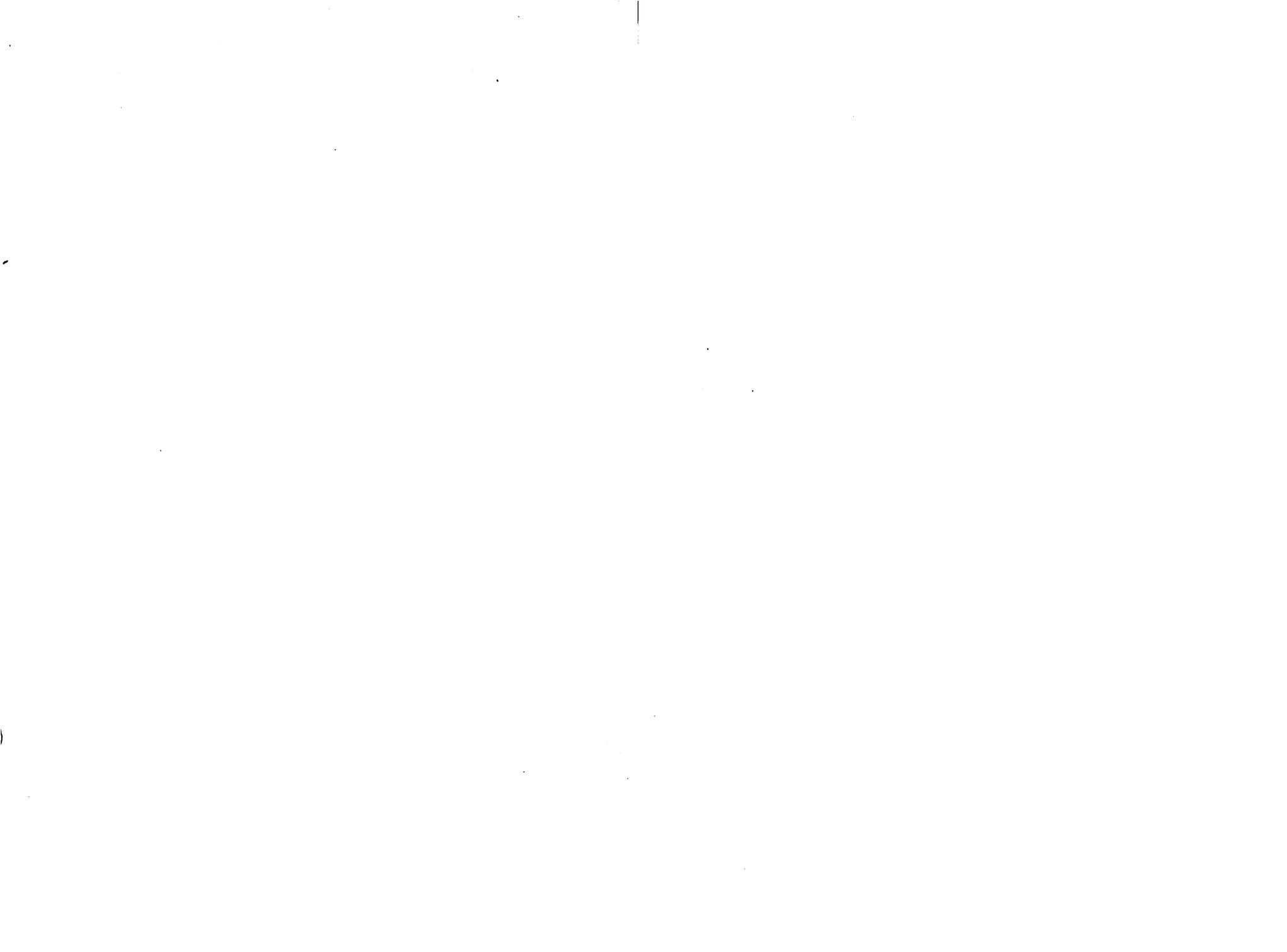
Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

Per informazioni sui servizi e sui prodotti della Banca di Sicilia, visitate il sito www.bancadisicilia.it

FURTADO COELHO e JOAQUIM SERRA

O REMORSO VIVO



BIBLIOTHECA DRAMATICA POPULAR

N.º 58

FURTADO COELHO e JOAQUIM SERRA

O REMORSO VIVO

Drama phantastico de grande espectaculo,
em 1 prologo, 4 actos e 6 quadros

MUSICA DE ARTHUR NAPOLEÃO

(Representado com extraordinario successo em quasi todos os theatros do Brazil)

2.ª EDIÇÃO



S. PAULO
LIVRARIA DE C. TEIXEIRA

4 — RUA DE S. JOÃO — 4

575
9-10
3896

NUMEROS DE MUSICA

1.º Symphonia. — 2.º Melodrama, quadro 1.º — 3.º Scena e còro dos Espiritos, quadro 2.º — 4.º Còro e scena de Maria, idem — 5.º Entre-acto de Orchestra, quadro 3.º — 6.º Entre-acto de Orchestra, quadro 4.º — 7.º Còro dos Aldeões e Ave-Maria, idem — 8.º Tempestade e Ballada, quadro 5.º — 9.º Melodrama e final, idem — 10.º Introducção, quadro 6.º — 11.º Ballada, idem — 12.º Melodrama A. B e C, idem — 13.º Còro da Natureza, idem — 14.º Entre-acto, quadro 7.º — 15.º Còro Celeste, quadro 8.º.

DENOMINAÇÃO DOS QUADROS

PROLOGO — Quadro 1.º — Mau amante e mau pae. — Quadro 2.º — Congresso dos Espiritos.
ACTO PRIMEIRO — Quadro 3.º — Quinze annos depois.
ACTO SEGUNDO — Quadro 4.º — As Ave-Marias.
ACTO TERCEIRO — Quadro 5.º — O Remorso Vivo. — Quadro 6.º — Primeiro raio de luz.
ACTO QUARTO — Quadro 7.º — Amór de pae. — Quadro 8.º — *Apotheose* — O perdão.

PERSONAGENS REAES

Oscar Werner.
O Cura Freitag.
Gustavo Waldau.
O Conde de Stollberg.
O Barão de Garnier.
O Major de Quitzow.
O Cavalheiro Bruno de Berneck.
Hoffmann.
Meyer.
Muller.

Antonio.
Maria Weber.
Gretchen.
Gertrudes Freitag.
Martha.
Uma aldeã.
1.º Aldeão.
2.º Aldeão.
Um carteiro.
Um criado.

Criados que não falam.

PERSONAGENS PHANTASTICAS

A sombra do Remorso.
Um Gnomo.
Uma Hamadryade.
Uma Ondina.

1.º Espirito.
2.º Espirito.
3.º Espirito.
Espiritos. — Anjos.

A acção passa-se na cidade de Coblença (Prussia) e seus arredores. O Prologo em 1850. — Os quatro actos em 1865

PROLOGO

QUADRO I

MAU AMANTE E MAU PAE

Em casa de Maria Weber, agua furtada muito pobre

SCENA I

Maria, um Carteiro

Carteiro (*batendo na porta do fundo*) — O sr. Oscar Werner?

Maria (*indo ao fundo e abrindo a porta*) — Sahiu ha-de haver uma hora e ainda não voltou. Que deseja o senhor?

Carteiro — Entregar-lhe esta carta.

Maria — Póde deixar ficar.

Carteiro — Diga-lhe que é negocio urgente. (*desapparece.*)
Maria colloca a carta sobre a mesa e senta-se a coser

SCENA II

Maria (*só, sentada a coser*)

Maria — Meu Deus! Animo e valor para estas agonias d'alma, que para os soffrimentos do corpo sobra-me a coragem! Que dirá elle quando eu lhe disser que voltei para casa sem receber o producto do meu trabalho d'esta semana?... Que não tenho sequer uma moeda de cobre?!... Que novos insultos, que ameaças incriveis, que tratos brutaes não terei de soffrer ainda além dos que hei já soffrido?! (*pausa*) E quem m'o dissera... nesses primeiros tempos, em que lhe abandonei a minha alma e a minha vida inteira, esquecendo pae, mãe, familia... esquecendo tudo, enlevada na linguagem que de seus labios ouvia, arastada pelos protestos que a meus ouvidos me segredava!... Como me enganei!... E, no entanto, para que eu sorrisse quasi á vergonha do meu erro, bastar-me-hia um pouco de amor em paga do que lhe eu dei!... Mas o desprezo... a affronta!... Meu Deus! Se é esta sempre a retribuição do amor que vive só de si mesmo; do amor que não pensa, que não reflecte, que cega,

BIBLIOTECA



Ms

que allucina e transvia; do amor, cujos primeiros sorrisos morrem logo afogados nas lagrimas que mais não cessam; se, nesse escarneo constante á maior das dedicações possíveis, está o castigo do erro... é fraco, é bem fraco o erro para tão crusciantes dôres!... (pausa) Oh! se todos soubessem como o amar assim nos eleva a alma até Deus, quem não amaria, sentindo-se tão amado?!... São os passos de Oscar!... (levanta-se, vae á porta do fundo) Não... não é elle... Parecera-me ouvir... (para de frente da porta da esquerda, olhando para dentro) E de ti? que será de ti, pobre filha das minhas entranhas, a quem alimento mais com as lagrimas que me abundam, do que com o leite que me falta?! Aonde acharás um abrigo, triste flôr de affectos não comprehendidos, debil rebento de planta quasi sem vida?!... Não! não vou beijar-te, que te acordaria com os meus prantos!... Dorme tu... que eu choro d'aqui!... Ah!... que se Deus nos chamasse a ambas para o céu, lá do céu rogariamos ambas pela ventura d'aquelle mesmo que nos mata. Rogariamos, sim, filha, porque eu amo-o, amo-o sempre apesar de tudo; e tu, anjinho, pareces adivinhar quando elle me não maltrata, para sorrir nesses curtos momentos!... Mas que digo eu?... Sou talvez injusta! Quem sabe... quem sabe se elle ainda se não torna bom. Bom como eu o supuz nesses tempos primeiros em que o conheci?... Quem sabe, filha do meu louco amor?... Esperemos ainda!... (vendo Oscar que entra) Ah! (deixa-se ficar junto da porta do quarto sem se atrever a mexer-se como quem tem medo)

SCENA III

Maria, Oscar

Oscar (entrando arrebatadamente) — Miseraveis! Sociedade estúpida, que só avalia o homem pelo valor do ouro que possui ou que figura possuir!.. Porém não!... o miseravel sou eu! Oh! que o sou! E ha ainda creaturas que elevem as vozes a um improvisado céu de problematicas providencias... quando a unica providencia que eu conheço de uma verdade palpavel, evidente, esmagadora, é a da riqueza do ouro! Quem faz caso do pobre?... O pobre é o reprobado absoluto!... Elle foge dos outros pobres com medo que lhe peçam alguma cousa! Classe abjecta em que os proprios irmãos repellem como inimigos! Unidos todos, esmagariamos os que nos salpicam de lama! Tens talento? Que importa, se andas quasi esfarrapado?... Fervem-te na cabeça meia duzia de idéas audazes?... Vende-as ao rico pelo preço de um pão! E o rico que passe por sabio, e o pobre que se contente em não morrer de fome! Sabes escrever? És meu caixeiro. És moço? Vigoroso? Sê meu criado, trata dos meus cavallos! Sempre a miseravel oppressão do rico sobre o pobre! Infames!... E ter um tio archimilionario, um sordido avarento e o desalmado

não morre!!... Ha quem assegure que o diabo prodigalisa o ouro ás mãos cheias a quem lhe vende a alma!... Eu vendo a minha alma ao diabo para calcar esta sociedade toda com o meu desprezo, com o meu rancor!... (tira da algibeira uma moeda de cobre) Tenho apenas commigo uma moeda de cobre... e tenho fome!... (vendo Maria que se aproxima) Ah! estavas ahí? e não te mexes?... Acabas de ouvir-me dizer que tenho fome e ficas immovel!? Dá-me de comer!

Maria (timorata) — Socega, Oscar.

Oscar — Mas eu estou socegado, socegadissimo, Maria. Não vêes que eu estou socegado?

Maria (áparte) — Que olhar! (alto) Perdão meu amigo, tens ahí...

Oscar (olhando para a mesa) — Tenho aqui o quê?... o quê?... (dando um murro sobre a mesa) Tenho aqui uma mesa de pinho, nua como as minhas algibeiras!

Maria — Não é isso... Está ahí...

Oscar — Eu nada vejo... Zombas de mim?

Maria — Tu não me deixas falar. Está ahí uma carta que ha pouco um homem trouxe, dizendo que era negocio urgente.

Oscar — Uma carta? (pegando na carta) É isto?

Maria — É.

Oscar (abrindo a carta) — Uma carta para mim?... Quem ha que me escreva?... Só se fosse... (depois de lêr) Que li eu?!... Será possível?!... (Sae arrebatadamente).

SCENA IV

Maria (só)

Maria — Que olhar elle me lançou? Quanto desespero concentrado, ameaçando irromper em lavas, transpareceu-lhe no gesto! Se não fosse aquella carta... E o que diria ella, que assim o fez sabir tão arrebatadamente?... Talvez uma boa nova! Porém elle vae voltar... Não tarda ahí... Que hei de fazer?... Que lhe direi?... Acabou-se tudo... não tenho mais que vender!... Apenas me resta com que cobrir meu corpo... O inverno vae chegar, e a minha filhinha soffrerá horrores com o frio!... De dia para dia sinto o desfallecimento do corpo a prohibir-me quasi o trabalho de costura, unico e triste recurso, que nem sempre nos garante o pão de cada dia! Depois, perdôo meu Deus, se eu o accuso, quantas vezes Oscar se não apodera do pouco que eu obtenho, para o ir consumir no jogo, com tudo aquillo que elle tambem consegue haver nas raras vezes que se resolve a trabalhar! E ai de mim se lhe digo uma só palavra! A principio são os improperios de envolta com ameaças. As minhas lagrimas, longe de o acalmarem, exacerbam-lhe a indole insoffrida. Após as ameaças vêm os maus tratos, e, no meio das angustias terri-

3896

veis, é ainda minha filhinha quem me dá animo para ficar de pé e não succumbir á ultima dôr!... Mas que farei meu Deus?... E' forcoso que eu invente um recurso antes que elle chegue... Ah! Sim!... Aquella linda colcha que eu bordei para o leito de minha filha. Até aos gelos do inverno Deus ha de valer-me, ha de ouvir as minhas orações!... E' isso... Vou vendel-a... hão de dar-me alguma cousa... o bordado é tão bonito! Por pouco que me deem, para hoje chegará!... (*vae a entrar no quarto e pára na porta*) Dorme ainda! Perdoa-me filha, se assim te desabrigo. E' por teu pae, é para teu pae (*entra no quarto*).

SCENA V

Oscar (*só, entrando muito alegre*)

Oscar — Ah!... Como é bom ser rico!... Sinto-me outro!... Ainda não comi, e não tenho mais fome!... Era exactamente o que eu presentia. A carta chamava-me ao escriptorio do advogado Witté, a quem ainda ha d'z minutos, como a todos os outros, eu não me atreveria a dirigir um pedido, para não receber em troca um escarneo! Eis aqui uma nota da parte mais importante e tambem mais succulenta do testamento de meu tio. Ora este meu tio, o usurario Christovão Werner, que nunca em sua vida praticou um acto de generosidade; cuja fortuna millionaria, representa em ouro de 22 quilates a somma de muitos milhões de lagrimas amarguradas; o meu bom tio Christovão, de quem eu era o unico parente vivo, e ao qual elle por mil vezes negara uma esmola, praticou finalmente e ao mesmo tempo o primeiro e ultimo rasgo de grandeza d'alma, se é que a tinha, dignando-se morrer e nomeando-me seu herdeiro universal, procedimento que sobre maneira o honra, e me fará eternamente lamentar... que não houvesse morrido ha mais tempo. Eis *ipsis verbis* a nota que me confiou o Advogado Witté. Está um pouco adubada de ditos chistosos. Meu tio foi sempre um tanto faceto. Até mesmo no leito da morte o não abandonou a veia sarcastica. Tornemos a lêr: (*lê*) « Apesar do tratante de meu sobrinho Oscar Werner ». (*falando*) Estreia logo por um dos seus mais intimos adjectivos! (*lê*) « Apesar do tratante de meu sobrinho Oscar Werner ser um refinado doido » (*falando*) Não é tanto assim. (*lê*) « Apesar de haver abandonado os estudos » (*falando*) Ora vejam que grande crime! (*lê*) « Dé ser um vadio, jogador, bebado... » (*falando*) Irra!... isto não se póde lêr a sangue frio!... Enfim perdôo-lhe porque é um homem morto. (*lê*) « e de ostentar cynicamente os costumes de um devasso libertino, » (*falando*) Por menos vae um homem á fôrca! (*lê*) « Constituo, a elle, meu herdeiro universal... » (*falando*) Apoiado, meu tio (*lê*) « por ser o unico parente que me resta, e agradar-me a idéa de que os milhões que amontoei dia a dia, com tanto custo e privações... » (*falando*) Po-

bre homem! Isto corta o coração! (*lê*) « fiquem na posse de um Werner » (*falando*) Pensa muito bem meu tio; (*choromíngando*) Digo-lhe que pensa muito bem. Era esta ha muito tempo a minha opinião, (*lê*) « Porém... » (*falando*) Muito embirro eu com os *po-rens*. (*lê*) « Porém, como aos 20 annos, a inexperiencia e o fogo da mocidade, augmentando ainda mais com a pessima indole que reconheço em meu querido sobrinho... » (*falando intermeio*) Seu querido sobrinho! Obrigado meu tio! (*lê*) São bastantes para espafifar em dias uma riqueza de milhões, imponho para o direito de herança as seguintes clausulas, cuja infracção, annulará a letra do presente testamento:

« 1.^a O meu sobrinho Oscar Werner só poderá entrar na posse absoluta de todos os meus bens, que por este acto lhe lego, quando tenha completado 35 annos de idade.

« 2.^a Durante todo o tempo que decorrer até chegar o prazo marcado na clausula primeira, o dito meu sobrinho só poderá usufruir a quarta parte dos rendimentos da herança.

« 3.^a O meu sobrinho Oscar Werner, durante esses quinze annos, será obrigado a viajar e percorrer todos os paizes que lhe approuver, não só para fazer esquecer em Copenhaga a má reputação de que goza, e muito cabida lhe é... (*falando*) são intrigas meu tio! (*lê*) « como para, nas viagens e no estudo variado das sociedades, dos homens e das cousas, amadurecer o genio, retemperar a indole e tornar-se mais tarde digno possuidor absoluto da riqueza que ora lhe lego.

« 4.^a O dito meu sobrinho não poderá durante todo prazo marcado contrahir a menor divida, por pequena que seja; facto esse que, comprovado com um só documento, valioso em juizo, que appareça, lhe tirará todo o direito á herança e annulará o presente testamento ». (*falando*) Este meu tio é todo cheio de exigencias. Em fim far-lhe-hei a vontade (*lê*).

« 5.^a Cumpridas cabalmente, e como nellas se contém, as clausulas acima exaradas, o dito meu sobrinho Oscar Werner entrará, logo que tenha completado 35 annos de idade, na posse de toda a minha riqueza como senhor absoluto d'ella e seu unico possuidor, devendo nessa epocha, a herança achar-se grandemente augmentada com o valor das tres quartas partes dos juros e rendimentos accumulados de 15 annos ». (*falando*) Gosto muito do final d'esta clausula. (*lê*)

« 6.^a E ultima. Nomeio meu testamenteiro administrador dos bens da herança e fiel cumpridor d'estas minhas ultimas disposições, ao honrado advogado Witté, o qual perceberá pelo trabalho, de que o encarrego durante esses 15 annos, a gratificação de meio por cento de todo o rendimento dos bens que lego a meu sobrinho Oscar Werner ». (*falando*)

Segue-se uma lista interminavel dos bens do legado. E mais não disse. Que me resta pois fazer?... Viajar durante 15 annos? Não peço outra cousa. Ser moderado em minhas despezas?... A quarta parte do rendimento de dez milhões creio que deve

chegar-me. Serei poupado. Sahir já de Coblença? E' mesmo muito conveniente. Sinto que me vingaria asperamente de toda essa gentilha que até hoje me desprezava. Voltarei outro. Hão-de adorar-me de joelhos. E Maria?... E sua filha?... Por este lado sei o que me resta fazer. Estou decidido. Ah! eil-a! (*senta-se*)

SCENA VI

Oscar e Maria

Maria (*sahindo do quarto com uma pequena trouxa*) — Prompta!... Ah! meu Deus! elle já voltou. Porém o seu rosto está soçegado. (*alegre*) E' o que eu dizia, a carta era uma boa nova. Provave'mente já jantou.

Oscar (*affectando meiguice*) — Vem cá Maria, dá-me a tua mão.

Maria (*correndo a elle risonha*) — Como és bom, Oscar!

Oscar — Dize-me, Maria; estás disposta a fazer um sacrificio por mim?

Maria — Um sacrificio por ti?... Mas que me pedirás tu que possa ser para mim um sacrificio?

Oscar — E' que tu estás longe de imaginar o que vou dizer-te.

Maria (*assustada*) — Fala.

Oscar — E' preciso separarmo-nos...

Maria (*em sobresalto*) — Separarmo-nos?!

Oscar — Já tu me interrompes! Ouve-me primeiro. Separarmo-nos... por algum tempo apenas.

Maria — Por quanto tempo então?

Oscar — Por 15 annos.

Maria — Quinze annos!! Isso é um gracejo, Oscar. Separarmo-nos por 15 annos!!

Oscar — Bem longe de ser um gracejo, é muito serio o que te estou dizendo.

Maria — Mas porque motivo uma separação tão longa?!

Que te fiz eu, Oscar? Que queixas tens tu de mim?!

Oscar — Mau! Se principias já com as tuas exclamações, não chegamos ao fim. Ouve-me, e não me interrompas.

Maria — Está bom, fala. Oh! meu Deus! (*chora*)

Oscar — Já tardavam as lagrimas. E' sempre assim! Oh!

como as mulheres são insupportaveis! São todas as mesmas.

Quando não podem falar, rompem em exclamações dramaticas;

e se se lhes pede um instante de treguas ás exclamações, calam-se, é certo, mas desatam a chorar. Pois chora, chora, que eu espero. Quando acabares, previne-me, para eu poder falar.

Maria (*com resolução*) — Não choro mais, bem o vês. Pódes falar, que eu prometto não te interromper.

Oscar — Ora até que uma vez me comprehendeste ás

mil maravilhas. Escuta. Meu tio Christovão Werner, de quem tantas vezes me tens ouvido falar, morreu e deixou-me seu unico herdeiro. No seu testamento, porém, vem bem expressa a clausula de que só no fim de 15 annos é que eu poderei entrar na posse absoluta da herança, e que durante todo esse tempo, sou obrigado a viajar, podendo apenas dispôr da quarta parte do rendimento d'essa mesma herança, o que bem pouco é. Já vês pois, que a nossa separação não é filha do meu livre arbitrio, e sim imposta por meu bom tio, o qual, attendendo á riqueza que me lega, tem todo o direito, supponho eu, e tu por certo não lh'o queres contestar, de impor-me algumas pequeninas condições. Não te parece?... (*pausa*) Responde.

Maria — Que hei-de eu responder?... Eu não posso crer em semelhante separação.

Oscar — Pois é preciso que acredites. Além d'isso ouve o que meu tio exarou no testamento. Não sou eu quem falo, é elle. Ouve. (*Lê*: « Apesar do tratante de meu sobrinho Oscar Werner, ser um refinado doido, apesar de haver abandonado os estudos, de ser um vadio, jogador, hebado, e de ostentar cynicamente os costumes de um devasso libertino, etc., etc., » (*fallando*) Repara bem nestas palavras: « ostentar cynicamente os costumes de um devasso libertino ». Isto refere-se nem mais nem menos ao meu viver contigo, E' portanto forçoso mudar de rumo.

Maria — Mas, meu Deus, em que é que o meu viver contigo constitue uma vida devassa? Se todos esses epithetos te são cabidos, é pela vida que tu levas lá fóra dias inteiros sem vir aqui, aonde eu te espero sempre angustiada de duvidas e receios por tua causa. E quantas vezes, Oscar, não te tenho eu impedido, com meus rogos e supplicas, de juntar ás tuas loucuras a nodoa de um crime?

Oscar — Que dizes?!

Maria — Sim, de um crime, é esta a verdade. Falo-te por esta fórma para provar-te que d'aquella porta para dentro não pôde entrar a palavra — devassidão. Quantas vezes, vendo-te desesperado, insofrido pelos azares do jogo, ameaçando commetter actos condemnaveis, eu não consegui levar ao teu espirito a calma, a ponto de tu, a sangue frio, me agradeceres mais tarde?

Oscar — Pois bem; quero d'ora avante poupar-te esse trabalho.

Maria — Mas se não era um trabalho. Pelo contrario. Quando eu via que não eram perdidas as minhas palavras, que não eram em vão os meus rogos, e que ás negras idéas com que por mais de uma vez aqui entravas, succedia-se a tranquillidade do teu animo, oh! nem eu sei definir-te a alegria de que me achava possuida, e o desvanecimento que então sentia por te haver sido hõa!...

Oscar — Oh! sem duvida. Eu aqui sou o diabo e tu és o anjo. De certo, de certo.

Maria — Não é isso que eu quero dizer.

Oscar — Ah! não?

Maria — Tu és injusto!

Oscar — Sou o que tu quizeres. Mas a separação é necessaria. Não sou eu quem a imponho. E' meu tio, e eu devo, por gratidão obedecer-lhe.

Maria — Mas teu tio não te impõe semelhante cousa.

Oscar — Impõe; mais adiante, num periodo que te não li.

Maria — Não o creio; deixa ver.

Oscar — Oh! é de mais! Já disse que a separação ha de fazer-se. Sou eu que assim o quero!

Maria — Mas, dize-me Oscar, que hei de eu fazer só no mundo com minha, com tua filha?... O que ha que te impeça de nos levares comtigo?

Oscar — Hein? Levar commigo uma criança de seis mezes! Essa agora tinha que ver!

Maria — Oh! eu te juro que não terás o menor dissabor por causa d'ella.

Oscar — Nem falemos mais nisso. Sobre esse ponto não admitto discussão.

Maria (*tremendo de angustia*) — Mas é tua filha, Oscar, é tua filha!...

Oscar (*levantando-se*) — Eu sei lá se é minha filha?

Maria (*com um gesto terrivel travando-lhe do braço*) — O que?! Que disseste tu?... Eu não ouvi hem. E' impossível! E' verdade teres dito não saber se aquella criança, que está ali dentro, é tua filha?!

Oscar — E se eu o tivesse dito?...

Maria — Se o tivesses dito, não: — Dissestes! Agora ouve-me tambem: — E's o ultimo dos infames!

Oscar — Maria!!

Maria — E's o ultimo dos infames, repito! Sinto dentro em mim a força necessaria para dizer-te face a face: Oscar Werner, és o ultimo dos infames!... A energia, para falar-te assim pela primeira vez, dá-m'a o sangue que eu sinto reventar-me das faces, que tu acabas de insultar. Não me illudes tu! Era eu que me illudia, que queria illudir-me a mim propria! Quando ha pouco disseste que a nossa separação seria apenas de 15 annos, eu advinhei logo que mentias, porque a tua vontade é abandonar-nos a ambas e para sempre!

Oscar — E's muito perspicaz. E' isso mesmo.

Maria — Não me surprehende essa frieza de marmore com que se denuncia o teu coração impedernido. Duvidas que aquella criança que está ali dentro seja tua filha, miseravel?!... Mas tu não o duvidas tal. Tu sabes que mentes, que me insultas; mas o insulto era o meio que tinhas para preparar esta scena de rompimento! O que a tí se te não affigurava era que, dentro d'esta meiga creatura que tu perdeste, estava a mulher que te fala agora. Mas eu não sou mais essa Maria que se transviou com um olhar teu; agora apenas sinto que sou mãe, e é a mãe, en-

tendes? é a mãe que repelle a affronta infame!... Porém, dize-me, agora que abateste a mascara, neste momento em que te assenta bem o terrivel da franqueza descarnada, dize-me: porque me fizeste sahir da casa de meus paes?...

Oscar — E tu porque sahiste?

Maria (*pasma*) — E eu porque sahi?! Oh! meu Deus! Será esta sempre a pergunta que estes homens fazem ás infelizes no meu caso?! Porque sahi?! Porque te amei logo que te vi. Eu nunca tinha amado. Nunca homem nenhum me falara de amor. Tu appareceste-me; o teu semblante era meigo, attrahiu-me; as tuas falas eram doces, fascinaram-me! Ahi mesmo na casa paterna, fragil criança, natureza affectuosa, louca de amor por ti, ahi mesmo tu penetraste, e ahi me perdeste! Depois disseste-me: foge! o meu mundo eras tu, tu sómente, mais ninguém... fugi!

Oscar (*enfasiado*) — Mas eu sei de tudo isso.

Maria — Sabes-o, sim, e se t'o lembro é porque és tu agora que queres fugir. Porque não fugiste então antes de perder-me?! Que foste buscar em mim para hoje me abandonares?... E aquella innocente que está ali dentro? Oh! a minha razão transtorna-se, eu tenho medo de enlouquecer! Mas dize: porque voltaste então! Se a riqueza te faz tão grande que não podes mais entrar por aquella pequena porta, porque vieste? Para que vieste?... Não estejas calado. Fala, dize, responde!

Oscar — Se tu não me deixas falar, como queres que t'o diga? Vim para communicar-te que, apesar de nos separarmos, eu estou disposto a garantir para sempre a tua subsistencia, e a d'essa criança, por cuja educação velarei mais tarde.

Maria (*com um olhar singular*) — D'aqui a quinze annos, não é assim?

Oscar — Não; deixarei ordens a esse respeito.

Maria — *Deixarei ordens a esse respeito!*... E' isso... é isso mesmo. E' assim que procedem os homens ricos. Está claro. Com o ouro sana-se tudo, não é verdade! Porém, não! Nem eu, nem minha filha queremos o teu ouro, porque elle não nos lavaria do opprobrio e da vergonha. Vae! Sinto-me morrer. Mas antes, ouve-me ainda. Se imaginas que se abriu para tí uma nova era de felicidade, enganas-te! Calcaste a teus pés a mulher fragil e confiante que te dedicara uma existencia inteira de affectos e de amor; maceraste-lhe por mais de uma vez o pobre corpo com brutalidades de malvado; não sentes em teu coração uma fibra só que estremeça á lembrança de tua filhinha; o que ella possa vir a ser pouco se te dá; repelle-nos a ambas, a mim quasi morta, a ella apenas viva; estás amaldiçoado... e o remorso vivo te ha de perseguir eternamente! Quando mais tarde pretenderes galgar a escada das ambições mundanas que te reservem lá dentro, em cada degrau apparecer-te-ha de pé, hirta, a sombra viva do teu remorso a impedir-te o passo. Vae! Caminha! porém fica certo, para tí não ha na terra felicidade possivel e Deus não quererá jámais receber-te no céu! E's um reproho!

Oscar (*raiva concentrada*) — Acabaste, mulher ?

Maria — E's um infame ! !... (*Oscar cresce para ella*) Não me mates ainda que eu tenho uma filha ! (*cae de joelhos*) Quando eu lhe encontrar um abrigo, dize-me, dize-me aonde estás, e eu lá irei de rastos pedir-te então que acabes de assassinar-me !

Oscar — Não te mato, insolente, não te esmago, porque és uma mulher ! (*vae a sair*).

Maria — Uma ultima supplica, Oscar ! (*Oscar pára na porta do fundo*) Tu és rico... eu nada tenho... uma esmola para tua filha !...

Oscar (*atirando-lhe aos pés a moeda de cobre*) — Dou quanto tenho. Um rei não faria tanto. (*sáhe*).

SCENA VII

Maria (*só, pegando na moeda. Harmonias*)

Maria — Teu pae morreu, filha ! Eis a tua herança paterna ! Por tantas dôres, meu Deus, um olhar vosso para minha filha ! (*ergue-se*) Mal posso suster-me ! O Cura Freitag é bom e caridoso ! Quem, se não elle me abrirá os braços ? ! Não conheço mais ninguem no mundo a quem ouse dirigir-me. Se me repellir... que importa ?... Um cadaver não precisa de abrigo ! Mas a minha pobre filhinha... um anjinho do bom Deus... a essa elle ha de abrigar... Sim... ha de... é compassivo !... Quantas vezes me enxugou elle as lagrimas com palavras de consolação e bondade !... Mora d'aquí duas leguas, junto ás ruínas do Castello de Rolandseck. Duas leguas ! !... (*resoluta*) Não importa ! hei de caminhar-as ! (*entra no quarto e sahe com a filha nos braços*) Vamos, filha da minha alma !... Força meu Deus ! (*sáhe*).

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

QUADRO II

*Logar ermo no cimo de montanhas escarpadas e intransitaveis.
A todo o fundo uma montanha que desce até o 3.º plano.
Noite serena de luar.*

SCENA I

(Ao subir o panno a scena está deserta. A orchestra, que começára a tocar a introdução do primeiro côro dos Espiritos, ainda com o panno em baixo, continúa logo que este sóbe vendo-se a seu tempo apparecerem os Espiritos um a um no alto da montanha do fundo e descerem todos até a scena)

PRIMEIRO CÔRO DOS ESPIRITOS

Nos ares e nas nevoas,
No valle, na collina,
A turba dos espiritos
Vagueia peregrina.

Aquí vertem-se lagrimas
De sangue e vivo fogo,
Do céu á clara cupula
Não chega o nosso rogo.

Suspiros melancolicos
Adejam nestes ares,
E notas surdas, lugubres
De turbidos pezares...

Longe da terra ergastulo
De tristes padecentes,
Longe do céu, scenaculo
Dos justos e innocentes.

Nós somos dos Espiritos
A turba peregrina,
Correndo pelas nevoas
Do valle e da collina.

(Findo o côro, Maria entra em scena)

SCENA II

Os Espiritos, Maria

1.º Espirito — Quem és tu ? o teu nome na terra ?

Maria — Maria Weber.

2.º Espirito — Conheço-te. Que pretendes nestes lugares ?

Maria — Primeiramente remir aqui comvosco minhas culpas, até que Deus me abra as portas do céu.

2.º Espirito — Abriu-tas já, Maria! Donzella innocente e pura, como eras, peccaste pelo muito amor que sentiste!... Foi pequeno o erro para as amarguras que tragaste, para as lagrimas que verteste!... mesmo em vida tiveste o teu purgatorio! E's um anjo remido pela dôr!... Deus espera-te. Assim nos perdoasse Elle a nós, que penamos neste ermo deserto, como já te perdoou! Que mais desejas ?

Maria — Vingança!... O homem, que me perdeu, abandonou conmigo uma filha innocente!... Implorei forças a Deus para caminhar quasi de rastos duas leguas, e fui expirar nos braços do bom Cura de Rolandseck a quem entreguei a triste enfeitada!... Esse homem que me transviou, é um mau homem! Com o sangue frio de um malvado immolou duas victimas de um só golpe! Quero que elle, no caminho da vida, soffra todas as torturas horriveis do remorso, cada vez que tentar subir os degraus das ambições que o dominam!...

1.º Espirito — Mas se um dia nesse caminho elle deparar com sua filha, e se sentir estremeado de amor por ella?... Se se dedicar todo de coração á sua felicidade?... Se fôr ainda um bom pae?...

Maria — Oh! se tal acontecer, eu sinto já d'aqui que lhe perdoo! mas, até lá?...

1.º Espirito — Até lá, a tua vingança será satisfeita. O remorso implacavel o perseguirá até o tumulto, se, dado o caso de deparar com sua filha, não adorar nella o anjo redemptor de suas culpas. O nome d'esse homem ?

Maria — Oscar Werner.

3.º Espirito — Bem. Agora deixa-nos. E's um anjo. Maria! Não podes por mais tempo ficar entre as almas que ainda estão penando. Eis ali o caminho por onde aquella de entre nós, que se purifica aos olhos de Deus, sóbe até largar o vôo atravez do espaço. Na encosta d'aquella montanha mais alta está a cruz do perdão. Ajoelha-te aos pés d'ella e Deus te chamará immediatamente. Vae Maria, e pede a Deus por nós!

Todos os Espiritos — Pede a Deus por nós!

SEGUNDO CÔRO DOS ESPIRITOS

Mais limpida mais bella...
Ah! rasga o azul dos céos!
Volve, flôr de ventura,
Volve ao jardim de Deus

(Ao som deste côro, Maria sóbe a montanha do fundo, e no alto della canta a solo a seguinte strophe:)

Maria — Das lagrimas vertidas
Na dôr e na afflicção,
Fez-me aguas de baptismo
O anjo da oração!

(Enquanto Maria canta, agitam-se-lhe nos hombros duas azas brancas. Quando cessa de cantar abre as azas e vôa para o ceu ao som da segunda parte do côro.)

Côro — Por nós qu'inda soffremos,
Implora do Senhor
Um raio de bondade
E de infinito amor!

FIM DO PROLOGO

ACTO I

QUADRO III

QUINZE ANOS DEPOIS

Rica sala de jantar em casa de Oscar Werner, dando para um jardim. Uma mesa lantamente servida rodeada dos cadeiras correspondentes a cada um dos talheres. Em cada uma das cabeceiras da mesa, um só talher. As cadeiras tem capas que as cobrem até o chão.

SCENA I

Muller, Antonio

Muller (*Entrando*) — Então, sr. Antonio, está tudo prompto?

Antonio (*Tendo acabado de collocar a ultima cadeira ao pé da mesa de jantar*) — Tudo, sr. Muller; acabei agora mesmo.

Muller — Já n'era sem tempo. Sabe uma cousa, sr. Antonio? V. M.^{ce} parece-me um pouco molle no serviço de que o encarrego. Já hontem, para collocar a nova mobil a na sala adascada, foi um desperdicio de tempo que nem se imagina. Molle e tropego, sr. Antonio. Ia-me quebrando um espelho.

Antonio — Ora que grande cousa! a confraria é rica e os frades são poucos.

Muller — Que grande cousa?!... Um espelho de Venezia?!... Sabe uma cousa, sr. Antonio?

Antonio — Sabe tambem uma cousa, sr. Muller?

Muller — Diga.

Antonio — Esta casa não me agrada lá muito e eu...

Muller — E eu o que?... acabe.

Antonio — Vejo que, mais dia menos dia, digo-lhe adeus.

Muller — Homem! Você não sabe o que diz!

Antonio — Talvez.

Muller — O ordenado é pequeno?

Antonio — Pelo contrario; nunca o tive tão bom.

Muller — A comida não lhe agrada?

Antonio — E' excellente; nunca comi melhor.

Muller — A cama é alguma tarimba?

Antonio — Quem diz isso? nunca a tive tão fôfa.

Muller — O serviço é muito pesado?

Antonio — Qual! nunca o tive tão leve.

Muller — Então de que se queixa? Por que é que a casa não lhe agrada?

Antonio — Não me agrada, porque o sr. Oscar Werner tem maneiras muito insolentes com os criados, e, quando das insolencias passa ás vias de facto, é insupportavel. Ainda hoje, de manhã cedo, indo levar-lhe um cópo d'agua ao terraço, aonde passeava, só porque eu não colloquei logo a salva por baixo do cópo e lhe cahiu um pingo d'agua nos sapatos, bordados a ouro, deu-me tão tremenda bofetada, que eu e salva fomos ambos de ventas ao chão. Isto tambem é de mais. Um criado não é um escravo.

Muller — Acabou?

Antonio — Pois ainda acha pouco?

Muller — Não, senhor; pergunto-lhe se acabou?

Antonio — Acabei, sim, senhor.

Muller — Pois, sr. Antonio, diz V. M.^{ce} muito bem, quando diz que um criado não é um escravo. Mas porque não cumpriu com o seu dever, logo que seu amo pegou no cópo, e não collocou immediatamente... immediatamente...

Antonio — Porém...

Muller — Não admitto replicas. Porque não collocou immediatamente a salva por baixo do copo? Não teria levado a bofetada, a culpa foi sua. Mas não tem duvida.

Antonio — Como?

Muller — Repito; não tem duvida. Não levará segunda.

Antonio — Muito obrigado, sr. Muller.

Muller — Como intendente e homem de confiança que sou do sr. Werner, vou recommendal-o, e elle ha de tomar as minhas palavras na divida consideração. Mas antes deixe dar-lhe algumas explicações sobre o character do sr. Werner, para V. M.^{ce} saber como haver-se d'ora avante. Aqui aonde me vê, sr. Antonio, ha 15 annos que acompanho o sr. Oscar Werner. Desde que elle sahiu desta cidade de Coblença em 1850, até hoje, que fazem dous mezes que aqui chegamos, eu acompanhei sempre o sr. Werner em todas as suas viagens. Entende?

Antonio — Então correram todo o mundo?

Muller — Quasi.

Antonio — Estiveram na India?

Muller — Em Calcutá, sim, senhor, em Bombaim, em Gôa, em Madagascar, em Chamdernagor, em Coromandel.

Antonio — E na China?

Muller — Tambem, sim, senhor, não me interrompa, tambem estivemos na China. Estivemos nas duas Africa, nas duas Americas. Foi de Nova York que embarcamos para Inglaterra d'onde viemos em direitura para as margens do Rheno. Na Europa fixamos a nossa residencia por mais de uma vez. Só em

Paris esteve o sr. Werner tres annos. Mais ou menos permanecemos alguns mezes em cada uma das cidades mais importantes da Europa. Ha apenas dous annos que elle teve o desejo de conhecer o Brazil, as republicas do Prata, as do Pacifico, o norte da America a Havana, Cuba, etc., etc., e eis-nos aqui sempre unidos, sempre na melhor intelligencia, e hoje posso mesmo dizer — amizade. Já vê, pois, que o sr. Werner não é difficil de aturar, por isso que eu o aturo ha 15 annos.

Antonio — Mas é que o sr. Muller tem um genio...

Muller — Tenho um genio, sim, senhor, tenho um genio, que sabe amoldar-se ao caracter das pessoas; e eis a grande qualidade indispensavel em todo o homem que está mais ou menos ao serviço de outro homem. E' essa qualidade que eu lhe recomendo: Mas deixe-me continuar. Já vê que, em tão longo tempo, tenho tido sobejas occasiões de estudar o caracter do sr. Werner. E' altivo, orgulhoso. Mas quando o homem, que dispõe da fortuna que elle possui, o não fôr, quem o poderá ser?

Antonio — Lá isso é verdade.

Muller — Não lhe parece? E' ás vezes brusco; tem repentinos de genio temiveis. Mas quem é que os não tem? E quem sabe o estado de seu espirito, quando V. M.^{ce} lhe foi levar o copo d'agua? Quem sabe se elle não acabava de passar por um d'esses accessos terriveis, que por vezes o accomettem, e que eu já não estranho, por que estou costumado a elles?

Antonio — Ah! o sr. Werner tem accessos terriveis?

Muller — E bem terriveis!

Antonio — Accessos de que! São ataques?

Muller — Não, senhor, não são ataques, são accessos. Não confunda as cousas.

Antonio — Conte-me então como são esses accessos?

Muller — Conto-lhe, sim, senhor; é mesmo preciso que eu lh'o conte, por isso que V. M.^{ce} é, de todos os criados novos, que vieram para este seu palacio de Coblentz, o que tem de achar-se mais a miúdo em contacto com elle. Seu amo é de tempos accomettido por accessos nervosos, durante os quaes se lhe affigura ver uma sombra medonha, como elle diz, e que o persegue, que o ameaça. Isto, porém, não é mais que uma enfermidade moral, propria das imaginações fogosas como a do sr. Werner. Ora, por uma constante coincidência, notei eu durante todo o tempo de nossas viagens, que elle era sempre atacado desse mal quando pretendia alguma moça donzella.

Antonio — E' celebre!

Muller — E' muito celebre. Em Madrid, por exemplo, em 1862, desfez elle um casamento ajustado com uma fidalga hespanhola tão rica como elle, por que na vespera dos esponsaes quasi me morre com o mais horrivel accesso dos que tem tido. Foi tal, que no dia seguinte desmanchou-se tudo, e partimos para a Belgica, atravessando a França... Esse foi terrivel. Durante oito dias ficou sombrio como a morte. Tudo o incommodava, tudo

o aborrecia. Nessas occasiões é não se lhe dizer uma palavra que o contrarie; é ser-se apenas um automato executor de suas ordens. Já em Paris elle havia tido outro accesso, um pouco menos forte, e tambem por causa de uma moça.

Antonio — Donzella?

Muller — Sim, senhor, donzella. Por causa das não donzellas nunca o vi senão gastar dinheiro.

Antonio — E essa de Paris tambem era fidalga?

Muller — Não, senhor, era uma pobre costureira.

Antonio — Com quem elle queria casar?

Muller — Não, senhor, com quem tinha ajustado um passeio ao bosque de Bolonha...

Antonio — E então?

Muller — Então, na madrugada d'esse dia, corro ao quarto em que dormia, atrahido pelas suas exclamações, e vejo-o no fundo do quarto, com os cabellos hirtos, apontando para o leito em desordem, e exclamando em voz surda: — está ali! é ella! sempre ella! sempre esta sombra medonha e horrivel!

Antonio — O sr. Muller viu?

Muller — Eu olhei para o leito e nada vi.

Antonio — Era nervoso.

Muller — Sim, senhor, era nervoso. Afóra esses dous accessos maiores, tem tido repetidas vezes um ou outro, porém não tão fortes.

Antonio — E diz o sr. Muller que nessas occasiões elle fica sombrio?

Muller — Logo que lhe passa o accesso, e que volta ao seu estado normal, começa a lamentar essa doença de cabeça, como elle lhe chama, e pergunta a quem lhe fala, se viu aqui ou acolá uma figura assim e assim. E' preciso affirmar-lhe que tal figura não estava no lugar indicado; mostrar-lhe que era impossível tal apparição; e então, se o accesso não é muito forte (nos dous mais fortes dizia elle que a sombra queria esmagar-lhe o peito) se não é muito forte, digo, em pouco tempo volta a si, e muitas vezes acaba por se rir da sua allucinação. Já vê, por tanto, que é uma excellente pessoa. Não leva segunda hofetada, sr. Antonio, digo-lh'o eu.

Antonio — Muito obrigado, sr. Muller. Mas diga-me tambem: porque é que o sr. Werner, não sendo fidalgo, nos faz andar de librê?

Muller — Sr. Antonio! um homem, que tem 15 milhões, é *ipso facto* um fidalgo.

Antonio — Sulfato de fidalgo?!... Essa agora!

Muller — *Ipsa facto!* é latim; eu estudei latim. Quer dizer: é por esse mesmo motivo um fidalgo e...

Antonio — Um fidalgo sem brasão.

Muller — Não importa, mas pôde usar de librê.

Antonio — Eis o que eu não sabia.

Muller — De mais, se o não é já, está para o ser.

Antonio — Como assim ?

Muller — Brevemente terá lugar a sua união com a filha do Conde de Stollberg, para o que vae o sr. Werner nestes dias visitar o velho castello de Rolandseck, sua propriedade, e que elle pretende restaurar, para ali assentar a sua vivenda quasi real. Já vê...

Antonio — Ah! assim sim; não é já fidalgo, mas está quasi feito.

Muller — Está quasi feito, sim, senhor. Póde retirar-se sr. Antonio. Tem as instrucções necessarias, e não despreze esta casa aonde está garantido o seu futuro.

Antonio — Sim, senhor, sr. Muller, muito obrigado (*Sahe*).

SCENA II

Muller, o Barão, o Major

Barão (*Entrando do jardim* — Como está o nosso caro sr. Muller ?

Muller — Eu, sr. Barão ?...

Major — (*Entrando tambem do jardim*) — sr. Muller, póde saber-se da sua importante saude ?

Muller — Oh! Sr. Major de Quitzow, sr. Barão de Garnier, eu estou confuso com tão delicadas atenções. Sempre bom, graças a Deus, e muito respeitador de tão illustres cavalheiros.

Barão — Diz muito bem; illustre nas campanhas diplomaticas.

Major — Tem razão; illustre nas campanhas marciaes.

Barão — O sr. Muller é o modello dos intendentés.

Major — A perola dos mordonos.

Muller — Como poderei mostrar-lhes a minha gratidão, meus senhores ?

Barão (*Tomando o braço, a meia voz*) — Ouça, meu estimado sr. Muller.

Muller — V. Ex.^a, sr. Barão de Garnier, dá-me o seu braço ?!

Barão — Quanto a mim as qualidades moraes do individuo nivellam as distancias.

Muller — Bem se vê que V. Ex.^a é um profundo diplomata.

Barão — Gozo d'essa reputação.

Muller — Muito merecida.

Barão — Diga-me: o 4r. Oscar Werner não lhe tem falado em mim ?

Muller — Não, sr. Barão.

Barão — (*Largando-lhe o braço com desprezo*) — Ora! Como havia o meu amigo Oscar Werner falar a meu respeito com um famulo.

Major (*Tomando o braço de Muller*) — Uma palavra meu nobre amigo.

Muller — Seu nobre amigo, a mim, sr. Major de Quitzow ?!

Major — A afamada espada do Major de Quitzow faz sempre respeitosa continencia a todo o prussianno que o merece, e o sr. Muller é o typo dos prussiannos que o merecem.

Muller — O sr. Major fala mesmo como um valente e honrado militar que é.

Major — E póde affirmal-o.

Muller — E' o que eu faço.

Major — Diga-me uma cousa, aqui em particular: na boca do sr. Oscar Werner não tem o meu amigo por varias vezes ouvido o nome do Major de Quitzow ?

Muller — Que eu me lembre, nunca.

Major (*Largando-lhe o braço com desprezo*) — Ora! Um cavalheiro distincto como Oscar Werner, que importancia póde dar a um criado, para falar-lhe no Major de Quitzow ?

Muller — Se me permittem, meus caros senhores, tenho que dar algumas ordens.

Barão (*Com frieza*) — Essa é boa !

Major (*O mesmo*) — Quando quizer !

Muller — Se preferem ficar aqui, a passar ás outras salas, estejam á sua vontade.

Barão — Por mim não se incommode.

Major — Eu estou aqui perfeitamente.

Muller (*cumprimentando*) — Meus senhores !

Barão e o Major — Viva! (*Muller sahe*)

SCENA III

O Barão, o Major

(*Passesiam silenciosos, cruzando por mais de uma vez olhares de rancor*)

Barão (*depois de alguns momentos*) — Permitta que lhe faça uma observação, sr. Major.

Major — Ouvirei, sr. Barão.

Barão — Acho que perde o seu tempo na pretensão que o traz a esta casa, tanto a miudo.

Major — E' curioso. E' esse exactamente o meu pensar a seu respeito, sr. Barão.

Barão — E' o que veremos.

Major — Pois sim veremos! (*passesiam em silencio cruzando-se ares de indignação*)

Barão (*um momento depois*) — Tenho todas as probabilidades de que o meu amigo Oscar Werner obtem do Ministro a minha nomeação para uma embaixada, e como o sr. Werner não

ha-de ao mesmo tempo empenhar-se por dous afilhados, já vê que perde os seus passos.

Major — O Barão é quem perde os seus, creia.

Barão — Em que se funda o sr. Major?

Major — Diz o sr. Barão que tem todas as probabilidades?

Barão — Sem duvida.

Major — Pois eu tenho mais, tenho certeza.

Barão — Certeza de que?

Major — De que o meu particular amigo Oscar Werner, obtem para mim, do Ministro, o governo que eu sollicito da praça de Ehrenbreitenstein; e como o sr. Oscar Werner não pôde ao mesmo tempo empenhar-se por dous afilhados, já vê que perde os seus passos.

Barão — Veremos!

Major — Pois veremos! (*Tornam a possuir em silencio, crusando-se olhares viperinos*)

Barão (*um momento depois*) — A amizade que me vota o sr. Werner é de outro quilate que não a que o senhor suppõe merecer-lhe.

Major — O opposto d'isso exactamente é que eu penso.

Barão — Durante a nossa viagem de Nova York para Inglaterra, o senhor pôde pre enciar a bordo as longas horas de conferencia, que eu e elle entretinhamos.

Major — A bordo tudo são distrações.

Barão — E' conforme.

Major — O sr. Barão conhece-o só de bordo; e eu percorri quasi todos os Estados Unidos na companhia do sr. Oscar Werner.

Barão — Como sua ordenança?

Major (*reprimindo um impeto*) — A isso não se responde. (*passavam*)

Barão (*a meia voz*) — Insolente!

Major (*o mesmo*) — Atrevido!

Barão (*passando, a meia voz*) — Querer frustrar-me a minha embaixata!

Major (*o mesmo*) — Querer roubar-me o meu commando!

Barão (*o mesmo*) — Este medroso pantafaçado!

Major (*o mesmo*) — Este addido esfomeado!

Barão (*o mesmo, um pouco mais alto*) — Tinha que ver, dar-se o commando d'uma praça de guerra a este poltrão enfumaçado!

Major (*o mesmo e ao mesmo tempo*) — Era curioso confiar-se uma embaixada a este Matternick esgançado!

Ambos (*perfilando-se cara a cara*) — Que diz o senhor!

Barão — Matternick esgançado?!

Major — Eu poltrão enfumaçado?!

Barão — Essa espada nunca sahio da bainha senão para limpar-se da ferrugem.

Major — O Barão está mordido de inveja; perdão-lhe.

Barão — O senhor chamou-me Matternick esgançado!

Major — E nunca disse cousa tão exacta.

Barão — Exijo uma explicação. Em que é que eu sou Matternick esgançado?

Major — Pergunte-o ao governo que ha um anno dimittiu-o da commissão em Washington, por incapaz e má figura.

Barão — O senhor, mente.

Major (*medindo-o de alto a baixo*) — A espada com que eu tenno pejejado nos dous hemispherios, não desce a desagrarar uma affronta do Barão de Garnier.

Barão — Diga antes que a mão que tem redigido as mais importantes notas diplomaticas, não se enxovalha, crusando-se em duello com um Sancho Pança (*sobem ao jardim*)

Major (*correndo atrás d'elle*) — Eu Sancho Pança?!

Barão (*voltando-se*) — Respeite a casa em que está (*sahé*)

Major (*sahindo atrás d'elle*) — Sancho Pança!

SCENA IV

Oscar, o Conde (*entram da esquerda*)

Conde — Affirmo-lhe meu caro genro... Deixe-me chamar-lhe assim; é a demonstração do vivo prazer que sinto em dar-lhe a mão de minha filha.

Oscar — Prazer que eu compartilho igualmente, sr. Conde, pôde crel-o. Sabe quanto eu amo a joven Condessa Sophia.

Conde — Sei, sei. Mas, continuando o que ia dizendo, affirmo-lhe que, por muito ricas e elegantes que sejam as alfaias, as decorações, os adornos e mobílias, d'esta sua vivenda, ellas não conseguem dar ao edificio um aspecto magestoso e condigno do cavalheiro que o possui; condigno, não só pela sua immensa fortuna, como pela elevada posição social e politica que o espera, e que rapidamente obterá pelos seus valimentos pessoaes, altas amizades de que já dispõe, e superior intelligencia que o distingue. A habitação que lhe está propria, como já lhe disse, é o solar do antigo condado de Rollandseck. Ah! sim, pôde alargar o vôo de suas phantasias luxuosas, e os braços dos Condes de Stollberg sentir-se-hão bem pregados nos reposteiros do magestoso castello.

Oscar — Estou inteiramente decidido, sr. conde, a fazer da immensa propriedade de Rollandseck o meu solar. Ha quarenta annos que essa familia se acha de todo extincta. Sem descendencia colateral, não resta d'ella hoje um só representante. O ultimo morreu na pessoa do joven Conde Guido, levado á sepultura na flor dos annos pela vida mais licenciosa e libertina que imaginar se pôde. Mas, V. Ex.^a hem sabe? dous mezes antes da minha chegada a Coblença, mandei ordens para se me preparar o maior dos predios que eu possuísse no centro da cidade. E' este; construção cujo mau gosto, como bem disse V. Ex.^a, eu

não tenho podido fazer desaparecer debaixo de todo este luxo, que o sr. Conde acaba de ver minuciosamente.

Conde — Se, desde o seu pedido á mão de minha filha, eu fiz tanto empenho de ver o meu amigo restaurar para sua habitação o antigo castello de Rollandseck, é porque a descendente da casa de Stollberg, se não traz fortuna a seu marido, traz-lhe em compensação uma nobreza que descende dos Condes Palatinos; o que habilitará o meu futuro genro a obter facilmente do Rei a nomeação de Conde de Rollandseck. E' preciso, portanto abreviar a sua visita ao Castello, e apressar o mais possível as importantes obras de que necessita. Disse-lh'o ha pouco e repito-o ainda: Hoje o dia está magnifico. Um pouco depois do jantar, será um agradável passeio de duas leguas, que poderemos fazer na companhia dos seus convivas.

Oscar — Approvo de todo a sua idéa, sr. Conde. (*Toca uma campainha*) Os meus convidados não devem tardar, são quasi horas de nos sentarmos á mesa. (*Para Antonio, que entra*) Aonde está o sr. Muller?

Antonio — Na sala proxima.

Oscar — Dize-lhe que chegue aqui (*Antonio sahe*)

SCENA V

O Conde, Oscar, Muller

Oscar — Sr. Muller, dê as ordens precisas, para que estejam promptos... A comitiva será de quantas pessoas?... o Sr. Conde e eu, dous; o Barão de Garnier e o Cavalheiro Bruno de Berneck, 4; o Major de Quitzow, 5; o sr. Hoffmann e o sr. Mayer, 7; pôde ainda vir mais alguém que espero... Emfim, ás 7 horas... Hoje o luar deve estar magnifico... ás 7 horas que estejam promptos dez cavallos de sella para irmos ao castello de Rollandseck. O sr. Muller acompanha-nos e mais quatro escudeiros.

Muller — Sim, senhor. V. Ex.^a quer que se sirva o jantar?

Oscar — Estão a cahir 5 horas. Ainda não veio ninguém?

Muller — Passeiam no parque o sr. Barão de Garnier e o sr. Major de Quitzow.

Oscar — Sr. Conde, vamos até lá gozar de um pouco de sombra. (*Para Muller*) Mande pôr o jantar, e, logo que esteja servido, avize-nos. Estamos no torreão do Norte. (*Muller sahe. Oscar e o Conde encaminham-se para o jardim. Sahem-lhes ao encontro o Barão e o Major de braço dado*).

SCENA VI

O Conde, Oscar, o Major e o Barão

Oscar — Oh! o Barão e o Major de braço dado! De um successo tão feliz quanto inesperado, eu me apresso a dar-me

os parabens, por ser em minha casa que o contemplo pela primeira vez.

Major e o Barão (*A Oscar*) — O meu nobre amigo como está?

Major — Infallivel como um militar em tempo de guerra!

Barão — Exacto como um diplomata em tempo de paz!

Major — Cumprimento o nobre Conde de Stollberg.

Conde — Adeus, Major.

Barão — Sr. Conde.

Conde — O Barão está cada vez mais moço. A diplomacia até conhece o segredo do elixir da mocidade eterna!

Barão — O sr. Conde de Stollberg conhece outro melhor; o segredo da mais gentil cortezia.

Oscar — Porém, digam-me, digam-me: a que maravilhoso incidente devo attribuir esta notavel reconciliação entre o Barão de Garnier e o Major de Quitzow.

Barão (*Vendo o Major querer falar e sem saber o que ha de dizer*) — Fomos sempre muito amigos.

Major — E' verdade; immensamente amigos.

Oscar — Sim? Pois não me tinha parecido isso. Já durante a nossa viagem para a Inglaterra, eu havia notado uma tal ou qual desintelligencia entre os dous.

Barão — Engano seu, meu caro sr. Werner.

Major — Pura illusão, meu amigo, pura illusão!

Oscar — Tanto melhor. Porém, sempre desejava ouvir o que, a este respeito, diria o nosso estimavel Cavalheiro Bruno de Berneck.

Major — Alguma insolencia das costumadas.

Oscar — Elle não tarda ahi.

Barão — Quem? o Cavalheiro?

Oscar — E' um dos nossos convivas.

Barão (*Comsiço*) — Dispensava-o hem.

Major — Não gosto das suas graças.

Oscar — Ora, por que Major? Rir-nos-hemos um pouco ao jantar e mais nada. Porém, eu e o sr. de Stollberg. Dirigia-ma-nos ao torreão do norte. Vamos todos, sr. Conde... (*Sahem*).

SCENA VII

Muller, Antonio, dous Criados (*com pratos de comida*)

Muller (*A um criado*) — Esse prato não é ahi. O seu lugar é este. (*O criado põe o prato no lugar indicado*).

Vão, vão depressa, são 5 horas e preciso determinar as cousas para o passeio a cavallo. (*Os dous criados sahem e voltam com pratos que collocam na mesa*).

Antonio — Mas diga-me, sr. Muller, sempre é verdade que meu amo vae casar com a filha do Conde de Stollberg?

Muller — Sem duvida.

Antonio — Ora até que afinal o Conde pescou um genro rico! Isso e o que elle sonhava são uma e a mesma cousa.

Muller — Que quer V. M.^{ce} dizer?

Antonio — Sim; o sr. Muller sabe perfeitamente que o Conde está arruinado e que a filha não tem dote.

Muller — O noivo não precisa disso.

Antonio — E sabe tambem, porque todo o mundo o diz, que, apesar de ser muito formosa, teve já dous casamentos promettidos e nenhum se effectuou; o que torna a sua reputação um pouco...

Muller — Um pouco que?

Antonio — E' o que dizem as más linguas.

Muller — E o senhor quer fazer córo com as más linguas? Não vê que a filha do Conde está para ser sua ama?

Antonio — Mas não sou eu quem o digo.

Muller — Nem deve dizel-o. Isso não lhe fica bem. Essas cousas quando se sabem não se dizem. Eis outra obrigação de seus amos, quando elles são de alta categoria.

Antonio — Entendo, sr. Muller; vou entendendo perfeitamente o meu lugar.

Muller — Ah! vae?... Ora estimo muito. (*Olhando para a mesa*) Está tudo prompto. Tomem os seus lugares. V. M.^{ce}, sr. Antonio, aqui ao pé de seu amo. (*Indica-lhe a cadeira da cabeceira da esquerda*) Eu vou chamar o sr. Verner. (*Sahe pelo fundo*)

SCENA VIII

Antonio, os criados, (*ao fundo*) Mayer

Mayer (*Entrando da direita*) — Vou entrando sem cere-monia, como costume.

Antonio (*A'parte*) — Olá! O nosso burgo-mestre! O maior comilão de Coltença!

Mayer — O sr. Oscar Werner?

Antonio — Não tarde ahí, sr. Mayer.

Mayer (*Contemplando a mesa e arregalando os olhos*) — Bello aspecto é o de uma mesa abundantemente servida!

Antonio — E', sim, senhor.

Mayer (*Cheirando um prato*) — Isto aqui o que é?

Antonio — Falias de Perú com trufas.

Mayer (*Abrindo muito os olhos e lambendo os beiços*) — Trufas! Bem hom, b. m hom. E isto?

Antonio — Empada de fígados de ganço.

Mayer — Oh! o meu prato predilecto! Este sr. Werner é o homem de mais apurado gosto que eu conheço. Ninguem como elle para obsequiar seus convidados. Oh! temos tambem costeletas de porco com repolho salgado!

Antonio — Tambem, sim, senhor; e mais adiante peito de ganço da Pomerania.

Mayer — Vejo, vejo. Bólos de batata... E' um banquete real.

Antonio — E' assim todos os dias.

Mayer (*Olhando para elle espantado*) Hein!... todos os dias?!

Antonio — Todos os dias.

Mayer — Hei de vir cá repetidas vezes. O facto é que sinto um apetite

Antonio (*Olhando para o jardim*) — Ah! vem meu amo.

SCENA IX

Oscar, o Conde, o Barão, o Major,
o Cavalheiro Bruno de Berneck, Hoffmann, Mayer, Muller,
Antonio, dous criados *ao fundo*

Cavalheiro — Meu caro Oscar; chego exactamente á hora. (*A meia voz para Oscar*) Por causa de uma linda pequena, ia faltando.

Oscar — Não lh'o perdoaria.

Cavalheiro — Sei, e por isso aqui estou.

Oscar — Estimavel sr. Mayer, estava aqui?

Mayer — Chego agora mesmo.

Oscar — Meus senhores; falta-nos o mais gracioso e gentil de todos os embellesamentos de uma reunião como esta, a que deve presidir o regosijo, a alegria e o bem estar: são as damas. No entanto, se é possível admitir-se que uma falta tão sensível possa de algum modo ser compensada, supponho que não de sobrar-nos os elementos para isso. Vejo presentes amigos dedicados e sinceros, e essa é já para mim uma viva satisfação. Espero ainda alguém que convidei, não porque seja pessoa da minha intimidade, mas por um mero capricho; capricho de millionario, excentricidade propria da minha intole. Aproveitarei, pois, os minutos que a demora d'essa pessoa me proporciona para, antes de nos sentarmos á mesa, os fazer sabedores desse capricho, fantasia, excentricidade... como lhe queiram chamar. Conhecem, sem duvida, o joven portento, o Dr. Gustavo Waldau?

Hoffmann — Muito. Deve-me dous mezes de aluguer da casa em que habita com sua mãe.

Cavalheiro — Tambem o conheço. Orço dizer a muita gen e que tem immenso talento, porém ainda lh'o não pude descobrir.

Barão — Sciencia infusa!

Oscar — Pois bem. Não sei porque má estrella eu tive o desgosto, desde que aqui cheguei, de cahir no desagrado, direi mais, de incorrer no odio do notavel spartano. Encadernado

numa pretendida elevação de character e pureza d'alma, dignas das eras remotas do primeiro homem, esse oraculo do povo, que, ainda ha um anno apenas, trouxe da Universidade de Bom o seu diploma de Doutor em leis, numa idade em que a exaltação das idéas se assemelha muito de perto á perturbação mental, não me poupa em circulo algum; e, sendo elle o primeiro sempre a provocar a discussão a meu re-peito, vocifera contra mim em objuratorias temíveis; chama-me inimigo do povo, ao qual diz que eu insulto com a riqueza das minhas equipagens, e affronto com a bravura fogosa dos meus cavallos; attribue-me não sei que negras historias da minha mocidade; e chega mesmo a proclamar, no excesso de seu rancor, que eu sou um criminoso de alta justiça, pelo simples facto de possuir uma riqueza de quinze milhões!

Barão — Escola de Prud'hom.

Oscar — Accrescentando, que lhe causam riso as minhas ridiculas pretensões á mão da joven Condessa Sophia de Stolberg.

Conde — São effeitos da educação que bebeu no character de seu finado pae, o Dr. Waldau, que se tornou celebre pelas suas utopias democratico-socialistas.

Cavalheiro — Eu pretendo antes que tudo isso não passa de uma antipathia, filha da mais deploravel inveja.

Major — São alevies a que o meu nobre amigo não deve dar se quer um instante de attenção. (*Major não attende á conversa e perorre a mesa com avidos olhos e cheirando os pratos*).

Hoffmann — Vociferações contra os homens ricos, proprias de quem s'nte as algibeiras no terceiro grau de tísica.

Barão — Estado anthyetico da razão com a logica dos factos.

Major — Repito; o meu amigo não lhe deve dar importancia.

Oscar — Pois eis ali exactamente o meu capricho. Eu quiz dar-lhe toda a importancia.

Cavalheiro — O que o desespera sem duvida é o nenhum caso que o meu amigo tem feito d'elle.

Oscar — Tambem assim o creio. Convidei-o, pois, para esta reunião; mas para me rir... para nos rirmos todos á sua custa.

Cavalheiro — Apoiado!

Oscar — E como a presença do sr. Hoffmann, seu crédor, pôde talvez perturbar as idéas do eloquente tribuno, quero que elle esteja a sangue frio para nos arrebatlar nos vóos de aguia de seus arrojados oratorios. O meu caro sr. Hoffmann terá consigo os recibos da renda da casa do interessante republicano?...

Hoffmann (*Puxando por uma grande carteira*).—Tenho, tenho. Como um dos maiores proprietarios de Coblença, escrupuloso procurador que sou dos meus negocios, trago sempre commigo os recibos que ainda me não foram pagos. Aqui estão elles.

Oscar — Tem ahí um lapis?

Hoffmann — Tambem tenho.

Oscar (*Assigna o recibo*).—Está pago sr. Hoffmann.

Hoffmann (*Recebendo o lapis e os recibos*).— E muito bem pago.

Oscar — Quero mostrar ao Dr. Gustavo, que eu não sou inimigo dos pobretões como elle diz. Se elle se vexar com a sua presença, sr. Hoffmann, diga-lhe em particular que nada lhe deve.

Hoffmann — Não tem duvida que digo.

Major (*Para o Barão*).— Que rasgo de generosidade! Quando elle é assim com os inimigos, que fará...

Oscar — Elle não pôde tardar. Não quero suppôr-lhe um tal excesso de puritanismo, nem tomar tanto a serio a intitulada independencia do seu character, a ponto de admittir por um instante que recuse o convite que lhe dirigi para elle e tres ou quatro de seus admiradores.

Um criado (*Dirigindo-se a Muller*). — Uma carta para S. Ex.^a O portador foi-se embora. (*O criado sahe*).

Oscar — O que é?

Muller — Uma carta para V. Ex.^a

Oscar (*Recebendo a carta*).— Com licença, meus senhores. (*Depois de lêr, á parte, muito despeitado*) Insolente! ha de pagar-me caro! (*Alto, affectando risonho desdem*) Pois, senhores! o nosso homem é de facto uma notabilidade. Admirem a concisão da sua recusa?!

Cavalheiro — Pois que! elle recusa?!

Oscar — Ouçam: (*Lê*) «Gustavo Waldau, não tendo relação alguma de amizade com o sr. Oscar Werner, e não sabendo, portanto, como comprehender o convite para jantar em sua casa, toma, de todos os alvitres, o que lhe parece mais rasoavel, que é o de não aceitar semelhante convite».

Barão — Ha falta de cartesia nesse laconismo.

Major — Ha mais. Ha insolencia; e se fosse commigo...

Cavalheiro — Se fosse com o Major, o Major callava-se, que é sempre o seu costume.

Oscar (*A'parte, depois de ter falado com o Conde*). — Ha de pagar-m'o! (*Alto*) Não demos importancia, meus senhores, ao que a não tem. Foi um capricho meu e nada mais. Não pude realzal-o desta vez; mas foi bem merecido o castigo. Quem me mandou descer tão baixo? Saberei como haver-me. Queiram tomar lugares. Previno-os, porém, de que, havendo eu reservado aquella cabeceira para o illustre Dr. Gustavo Waldau, e todo este lado para os seus fanaticos, que elle houvesse por bem trazer em sua companhia, ficarão vagas essas cadeiras, e d'esta fórma, por entre dous goles de champagne e imaginando-os presentes, quei-mal-os-hemos em estatua.

Cavalheiro — Está dito. O Barão de Garnier fará um discurso adquado ao assumpto.

Barão — Engana-se, sr. Cavalheiro; eu farei cousa nenhuma. Já tenho dito a V. Ex.^a que não gosto de gracejos.

Cavalheiro — Qual historia! O Barão gosta sempre do que eu gosto.

Oscar (*convidando-os a sentar-se*) — Meus senhores!

(*Sentam-se da seguinte maneira: na cabeceira da esquerda Oscar; á sua esquerda o Conde, e assim em seguida o Barão, o Cavalheiro, o Major, Hoffmann e Muller. Fica vaga a cabeceira da direita, bem como todos os lugares do lado do publico*)

Oscar — Visto que o incidente em nada diminuiu a alegria, de que meu espirito se acha possuido, alegria que eu vejo estampada em todos os rostos; antes de communicar-lhes o verdadeiro fim d'esta reunião, principiemos por matisar a refeição trazendo á arena da palestra, um facto digno de mencionar-se. Cavalheiro Bruno de Berneck, saiba que o bravo Major de Quitzow e o nosso caro Barão de Garnier acabam ha pouco de declarar-me, que são, de longa data, amigos intimos.

Cavalheiro — Oh! essa agora!

Oscar — Eu fiquei surprehendido...

Cavalheiro — Eu é que o não posso crêr.

Oscar — Pois é a verdade verdadeira, como dizia o grego Socrates. O Cavalheiro, que, ainda ha dias, me declarou, que o Major e o Barão não podiam ver-se um ao outro, que pensa a este respeito?

Cavalheiro — Principiei por dizer, que desconfio muito da tal amizade!

O **Major** e o **Barão** — E porque, sr. Cavalheiro?!

Cavalheiro — Silencio! falo eu. Ouçam e não me interrompam. Depois apresentem suas reclamações. Principio por desconfiar d'esta amizade serodia, porque se me está figurando ver cada um dos dous a imaginar o modo mais simples de illudir o outro. Faça a ambos a devida justiça.

Major — Eu não posso admitir nessas palavras do Cavalheiro, senão um mero gracejo, e por isso...

Barão — E' exacto; um mero gracejo; e por isso...

Cavalheiro — Por isso que?...

Major — Por isso calo-me...

Barão — E' tambem o que eu faço; calo-me.

Major — E' o que nestes casos faria todo o official distincto, cujo nome, como o meu, se visse enobrecido por tantos feitos d'armas!

Cavalheiro — Ora, Major; vá prégar a outra freguezia. Sabe que eu o conheço ha mais de vinte annos.

Major — De nome; conhece-me pela fama do meu nome. E' isso mesmo. A minha fama chegou até ao Cavalheiro; nem de outro modo poderia conhecer-me; porque eu nunca o vi a meu lado, quando acendia o meu charuto no ferro em brasa das balas inimigas.

Cavalheiro — Bravo! gostei da metaphora! cheirou-me

a polvora. Faça-me então uma resenha dos seus prodigios. Vamos, dê-nos uma ligeira e rapida noticia da sua biographia marcial. Vamos; comece já por dizer que ha 18 annos se acha reformado.

Major — E' exacto; estou reformado ha 18 annos. Mas que tem isso? O ardor militar jamais se arrefeceu em mim. Reformado pelo meu governo em 1847, a minha espada foi acceita por mais de um paiz estrangeiro, todas as vezes que accudi a offerecer-lh'a. Logo em 1848 combati contra a Austria ao lado de Carlos Alberto. Tive grande parte na victoria de Goito. Pelejei em Gustozza e, depois da derrota italiana, fui tomar parte na revolução romana em 1849.

Cavalheiro — Quem o ouvir, dirá que tudo isso é assim; mas eu que o conheço...

Major — Deixe-me continuar, senhor, que estou em veia.

Oscar — Apoiado, Major, está em veia. Continue que me sinto entusiasmado. Parece-me ouvir os clarins dos combates. Não o interrompa Cavalheiro.

Cavalheiro — Está dito. Póde continuar o bravo Major de Quitzow.

Major — Continúo, sim, senhor. Entrei na revolução de Hungria contra o governo austriaco. Almocei muitas vezes com o Kossuth. Fiquei prisioneiro entre os russos que foram ajudar os austriacos, depois de haver perdido as barbas numa fregua de mil diabos! Em 1855 tomei parte na guerra da Criméa a favor dos russos...

Cavalheiro — Ah! agora é pelos russos e por consequencia p' los austriacos?...

Major — Não me interrompa, senhor (*Continuando*)... a favor dos russos e ao lado dos austriacos, tornando-me afinal o idolo de todos elles, a ponto de conservar ainda hoje um annel de uma Princeza russa e um bilhete de visita de uma Archidueza austriaca, que ambas se apaixonaram por mim! (*Gargalhadas*).

Cavalheiro — Ora Major! isso agora tambem é de mais!

Major — Está aqui, o annel! (*Mostrando o dedo*) Está aqui! O bilhete de visita tenho-o lá em casa.

Cavalheiro — Boas provas!

Oscar (*A' parte*) — Está magnifico! (*Alto*) Vamos, Major, vamos. Acabam ahí as suas façanhas?

Major — Qual?! Desgostoso com a terminação da guerra, por ficar sem ter mais louros que conquistar para a minha espada, eis que rompe a guerra da Italia em 1859. Offereço-me ao governo piemontez, entro em opperações, e digam lá o que quizerem, a victoria de Solferino a mim se deve.

Cavalheiro — Vejam isto! Eis o heróe de Solferino! E, no entanto, o seu nome nem ao menos appareceu nas partes officias.

Major — Devem-me essa reparação, é exacto.

Cavalheiro — E, no entanto, em seu peito não se vê uma condecoração, uma única medalha de campanha!

Major — Não, não; porém tenho uma espada dada pelo Czar da Rússia e um talim bordado pela Favorita do Sultão.

Cavalheiro — Misericórdia! Basta, Major!

Major — Não basta, não, senhor; ouça-me. Em seguida embarcando para a America...

Cavalheiro — Basta, Major; digo-lhe que basta! Pela sua parte estamos satisfeitos. Tomei as notas precisas, e logo eu direi aonde foi que o Major consumiu o tempo d'essas façanhas todas. Agora tem a palavra o illustrado Barão de Garnier. O estrepito das pugnas cede o campo á placidez do gabinete pensador. O sangue escoa-se á vista da idéa que se approxima impavida. Apoz a espada, a penna; apoz as ballas d'arti haria as notas diplomaticas. Silencio, meus senhores! Attenção, que vamos ouvir...

Barão — Eu já tive a honra de dizer ha pouco ao sr. Cavalheiro Bruno de Berdeck, que não gosto de gracejos commigo. A seriedade é a minha divisa.

Cavalheiro — Muito bem dito. Porém...

Oscar — Perdão; eu interrompo a questão. Por isso mesmo que ella vae tornando-se assaz interessante, póde tomar proporções taes, que nos occupe, como é bem de esperar, uma grande parte do tempo. Assim, pois, para que ella possa continuar desassombrada é livre de interrupções até ao fim, permitasse-me que eu abra aqui um parenthesis, e que tome a palavra que acaba de ser dada ao estimável Barão de Garnier, para fazer sem mais delongas a declaração do fim principal d'esta reunião.

Todos, menos Mayer (*Que come sempre, sem dar attenção a cousa nenhuma.*) — Muito bem, apoiado!

Oscar — Vejo com todo o prazer em torno de mim as pessoas com quem convivo em maior intimidade, desde que regressi, depois de longa ausencia, á minha cidade natal. Procurei reunil-os d'esta fórma para communicar-lhes officialmente o meu proximo casamento com a joven Condessa Sophia de Stollberg.

SCENA X

Os mesmos, a Sombra do remorso

Sombra (*Surdindo da cadeira fronteira á de Oscar*) — Enganas-te, Oscar Werner!

Oscar (*De pé ecstático de terror*) — Ella! (*Fica como petrificado com os olhos fixos na Sombra*)

Conde (*Levantando-se*) — Que tem, meu amigo?

Todos (*Acudindo a Oscar*) — Que tem! que é isso?

Oscar (*Olhar fixo*) — E' ella!... Está alli! Não a veem? E' uma sombra medonha!

Cavalheiro — Ella quem?!... Não vemos ninguem! (*Oscar caha na cadeira occultando o rosto com as mãos*)

Muller — Perdão, meus senhores, peço-lhes que se retirem por um momento ás salas proximas.

Conde — Mas que é isso? Que tem elle?

Muller — E' um accesso nervoso dos que costumam dar-lhe. D'aqui a instantes passa-lhe. Eu sei como haver-me. Não é cousa de cuidado. Eu fico aqui; queiram ter a bondade de deixar-me só com elle. (*Sahem todos á esquerda excepto Mayer que se conserva aindr comendo, extranho a toda esta scena*). Honrado sr. Mayer, rogo-lhe o favor de passar á sala proxima. (*Mayer levantando-se muito contrariado*)

Mayer — Pois que! Já acabou o jantar?

Muller — Não, senhor, ainda não. E' o sr. Werner que se sente incommodado, como vê.

Mayer (*Palitando os dentes*) — Coitado.

Muller — Estão todos naquella sala. Queira ter a bondade por um momento...

Mayer — Pois não. (*Sahindo, á parte*) Que soberba empada de ganço! (*Sahe*)

SCENA XI

Oscar, a Sombra, Muller (*ao fundo*)

Oscar (*Levantando-se com as costas para a Sombra, como acordando de um pesadello*) — Que foi isto?!... Pareceu-me ter visto... mas não... não é possível... (*Volta-se*) Sim!... (*Com terror*) é ella!... a mesma sempre!... (*Dando um passo*) Que me queres tu ainda?... Porque me persegues até aqui?...

Sombra — Porque és sempre o mesmo, Oscar Werner!

Oscar — O mesmo?

Sombra — Sim; um infame!

Oscar — Vae-te! Vae-te! sombra do inferno!

Sombra — Ainda não!

Oscar — Mas diz-me afinal: que queres tu de mim? Que desejas?

Sombra — Desapparecer-te para sempre!

Oscar — Porque me appareces então?

Sombra — Porque a tua consciencia m'o ordena!

Oscar — A minha consciencia?!

Sombra — Sim!

Oscar — Não comprehendo!

Sombra — E' porque não vês!

Oscar (*Ainda sem comprehender*). — Não vejo?!

Sombra — Não? Sahes das trevas do mal, e verás!

Oscar — Mas quem és tu, que assim me falas, sombra de medonho aspecto?

Sombra — Sou o teu remorso vivo!

Oscar — O meu... Oh! vae-te! ... Fazes-me um mal horrivel!

Sombra — Sei.

Oscar (*As mãos no peito*). — Sofro aqui torturas infernaes!

Sombra — Está na tua mão não soffreres.

Oscar — Na minha mão?

Sombra — Sim!

Oscar — De que modo?

Sombra — Fazendo que eu te deixe para sempre!

Oscar — Oh! eu o quizera!

Sombra — Não o tens querido. Não queres ainda!

Oscar — Como?...

Sombra — Já disse: por que és um infame!

Oscar — Um infame?

Sombra — Sim! em queres casar-te sem o dever fazer: dar a outrem uma fortuna que não é unicamente tua; deixares-te dominar por uma condemnavel ambição de grandeza a que não podes ter direito, enquanto fores um reprobado de Deus!

Oscar — Oh! calla-te!... Calla-te por piedade!... Quando me falas assim seguidamente, sinto que o peito se me despedaça fibra a fibra!... Porém, dize-me, por que eu não compreendo bem as tuas phrases soltas, dize-me por uma vez, a verdadeira razão porque não devo casar-me?

Sombra — Pergunta-o á tua consciencia!... Adeus! (*Desapparece*).

SCENA XII

Oscar, Muller

Oscar — Outra vez a minha consciencia?... Mas, dize-me ainda... (*Olha e não vê a sombra*) Ah!... (*Como quem sente um allivio no peito*). Que foi isto que eu senti?... Ia jurar que tinha visto ali... (*Olha fixamente para a cadeira*). Mas não!... foi illusão minha... como das outras vezes... Esta minha cabeça!... (*Bebe agua*). Mas é horrivel!... é um padecer atroz!

Muller (*Aproximando-se e à parte*). — Passou já. (*Alto*) Que tem, meu senhor? Sentiu-se incommodado?

Oscar — Ah! és tu, Muller? Estavas ahí?

Muller — Sim, sr. Werner, estava ali.

Oscar — Dize-me (*Agarrando-lhe no braço*) Não ouviste aqui ha pouco alguém que me falava em voz surda mas intelligivel?!

Muller — Eu... ouvi apenas a meu amo algumas exclamações sem nexo, semelhantes ás que costuma pronunciar quando lhe dão estes accessos.

Oscar (*com os olhos fixos na cadeira*) — Oh! mas d'esta vez... d'esta vez!... Tira aquella cadeira d'ali para fóra.

Muller (*arredando a cadeira*) — Nada tem, como vê. Tranquillize-se.

Oscar (*pegando na cadeira e voltando-a*) — Sim... Sim... é isso... E' sempre a minha cabeça!... Já passou. Mas, se não me enganar, nós estavamos todos á mesa. Aonde estão esses senhores?

Muller — Retiraram-se para a sala proxima, a meu pedido.

Oscar — Fizeste bem, Muller; és um homem intelligente. Mais ou menos, quando se soffre, é-se sempre ridiculo. Sinto-me bom, perfeitamente bom. Chama-os todos. (*Muller vae a sair*) Não, espera. Deita vinho aqui. (*Muller deita vinho no copo que Oscar lhe apresenta. Oscar bebe*) Deita mais. (*Torna a beber*) Assim. Chama-os agora (*Muller abre a porta, entram todos*)

SCENA XIII

Todos os da Scena X

Conde — Então que foi isso meu caro amigo?

Todos (*menos Mayer que já está comendo no seu logar*) — Está melhor?

Oscar — Não foi nada, sr. conde. Estou perfeitamente bom, meus amigos... E' uma diabolica doença nervosa que me ataca o cerebro, e me faz por momentos perder a razão. Felizmente passa logo. (*rindo*) Retomemos os nossos logares, e desculpem este incidente desagradavel. (*Todos tomam os seus logares*)

Cavalheiro (*De pé*) — Meus senhores! Proponho um brinde entusiastico ao repentino restabelecimento do nosso estimado amphitrião. Encham seus copos! (*Todos se dispõem a encher os copos. Cahe o panno*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO E 2.º QUADRO

ACTO II

QUADRO IV

ÀS AVE MARIAS

Ao cair da tarde. Em casa do Cura Freitag, proximo do Castello de Rollandseck. Sala baixa, dando ao fundo para uma varanda. Todo o fundo da sala que deita para a varanda, é aberto; havendo apenas duas vigas que sustentam a trave do tecto. Na parede da varanda, porta para o campo e janellas aos lados da porta. Vasos de flôres. Ao fundo a vista de campo. Na scena portas á E. e D. B. duas commodas na E. e D. A. Na da D., um oratorio, na da E. uma imagem debaixo de uma redoma de vidro. Quadros de santos nas paredes. Uma poltrona a E. e outra a D.; junto d'esta uma mesa com objectos de costura.

SCENA I

Gertrudes, Gustavo e Gretchen

(Gertrudes sentada a E.) lê. — Gustavo e Gretchen, encostados cada um a uma das vigas, ouvem o côro dos aldeões ao longe).

Gustavo *(depois que cessa o côro)* — O que seguem teus olhos tão longe e tão alto, Gretchen! O que procura a tua imaginação? O que te diz esta hora tão das saudades e das amarguras intimas? Sonhas, criança, ou lembras-te da infancia, moça?

Gretchen — Sonhava, sim, com a musica d'aquelle côro, ao longe, ao som d'elle me emballaram muitas vezes! Lembrava-me do meu berço!

Gustavo — Gretchen, tu és como os nenuphars á borda dos ribeiros, tão branca és tu e tão pura! Tuas falas são doces como os perfumes das violetas da Parma! Tua alma pura e cristallina como a gotta de orvalho na corolla das flôres!

Gretchen — Falas lisongeiro como o anjo do Paraiso!

Não te creio. Que poderia eu valer, se te não quizesse tanto? Mas quero-te muito, muito! E eis tudo quanto valho!

Gustavo — Vales mais, vales a minha vida inteira, que só vive dos teus olhos, e dos teus sorrisos! E's como as rosas brancas do caminho que falam de amor e sonhos, de crenças e scismas, ao peregrino avido da luz que lhe aponte o horizonte de sua ventura. Oh! minha Gretchen! tu não és da terra, és do ceu! Vejo-te as azas. Ai! não fujas sem que me leves contigo!

Gertrudes *(sorrindo)* — Pois não, meus pombinhos! hão-de fazer juntos a viagem!

Gustavo — Estava-nos escutando, sr.^a Gertrudes?

Gertrudes — Porque não? Se ahi haviam segredos, não eram decerto para mim.

Gretchen — Não eram, não, minha avosinha.

Gertrudes — Oh! eu sou a primeira a gostar de ouvir-te as falas, meu filho! O amor, o amor ideal e puro é a alma da nossa Allemanha!

Gustavo — E é. Ha alguma cousa de sagrado a bater no peito quando o precito se deita aos pés de uma imagem d'estas, a rogar-lhe e a dizer-lhe: — ampare-me e salve-me.

Gretchen *(enlevada em Gustavo)* — Sim! Sim! Oh! como és bom, Gustavo!

Gustavo — Como sou feliz, minha Gretchen, deves tu dizer; e como ha de ser feliz a nossa vida! E a nossa casa!

Gretchen *(Com pudor e felicidade)* — Ah! Gustavo! fala, fala mais para que eu te ouça!

Gustavo — E a nossa casa! pequena e branca como a garça poisada no campo! Em frente chopos e as roseiras perfumadas! ao lado um riacho, aonde te mires como uma estrella na lagôa! dentro os meus livros e a tua costura; durante o dia o trabalho, que é a mais nobre sina do homem. A' hora do repouso, muita tranquillidade nas nossas almas, sorrisos nos teus labios e adorações nos meus! *(Chegando-se a Gretchen e tomando-lhe as mãos).*

Gretchen — Sim, Sim, mas é pouco ainda!

Gustavo — Pouca, aquella felicidade, Gretchen? Aonde encontral-a no mundo semelhante? Pois tens idéas de riqueza?

Gretchen — Por ti, que não por mim! Não devo eu desejar-te todo o brilho e a vida farta! Oh! se eu pudesse!

Gustavo — Ser rica? Se o houvesses sido, se o fosses, como poderia eu ter-te adorado? A unica riqueza que eu sei adorar é a dos anjos, que é a tua; encantos na fronte, pureza no peito, doçura nos olhos e nas falas. Nem outra eu comprehendo na mulher. Tu rica de ouro! Era o impossivel a erguer-se entre a nossa união. Não me amas tu a mim, que sou pobre?

Gretchen — Pobre tu, Gustavo, com o teu talento, e esse amor do trabalho que meu tio tanto louva em ti? Que vale a riqueza do ouro ao lado dessa? Mas que queres? Desejava ter thesouros para t'os lançar aos pés.

Gustavo — Não, Gretchen; não digas isso que me affliges! Para que amesquinhar o que Deus em ti fez grande e immenso! Que thesouros ha no mundo que valham a tua alma angelica e o teu coração de infinitas virtudes?

Gretchen — Mas tua mãe, Gustavo? Não quererias o conforto para tua boa mãe? A velhice quer o socego.

Gustavo — Sim, quer, e eu lh'ò tenho dado! No excesso do trabalho a que me entrego para que lh'ò dê, encontro em vez do cansasso, um desvanecimento tal como filho, que me exalta a meus proprios plhos. Com custo, privações, e não poucos atrazos, depois da morte de meu pae, que nos legou apenas um nome muito honrado, pude acabar a minha formatura na universidade de Bonn. Hoje redobro de dia em dia de energia e affinco na banca de Advogado de meu pae; sustento já minha mãe com menos difficuldades; tenho esperanças bem fundadas no conceito que mereço na cidade; além disso tenho o teu amor Gretchen; que mais posso eu querer? Não sou digno de inveja?

Gretchen — Quizera eu comprehender um amor superior ao que te eu tenho, meu Gustavo, e dar-t'ò, porque amando-te tanto, vejo que mereces ainda mais. Queria amar-te mais, mas não posso porque não sei!

Gustavo — Não sabes?! Só os anjos têm o direito de affrontar assim a immensa bondade de Deus! Não sabes amar?! E' uma providencia que o não saibas como dizes! Se fosse possível na terra um amor superior ao que de nossas almas fez uma só, como poderíamos adorar o ceu, se o ceu seria para sempre na terra? Uma só cousa me entristece!

Gretchen — Qual?

Gustavo — O pesar, a somma de saudades que hão de soffrer estes aldeões quando eu te tevar d'aqui. Tu és a providencia delles. Elles te amam, como a manhã que lhes diz *trabalho* e a tarde que lhes diz *descanço*.

Gretchen — Elles irão ver-nos.

Gustavo — Sim, irão. Dar-lhes-hemos boa refeição. O pão da terra, o cangirão de cerveja, o queijo, a manteiga fresca e as fructas. Teremos tudo isso para elles! Sou moço, arde-me a idéa na frente, o trabalho é a minha lei e tu a minha força. Como é risonha a ante-manhã da nossa felicidade, cujos raios me parece ver já daqui a encherem de luz a nossa futura habitação.

Gretchen — Risonha e abençoada! Porque havemos de levar connosco a imagem do nosso Christo.

Gustavo — Oh! Sim, de certo! E quando como agora, soar a hora santissima, lembrados da infancia e dos nossos paes, dos amigos ausentes e condoidos dos infelizes do mundo, pôrnos-hemos assim de joelhos, (*ajoelham-se*) e diremos com as vozes da alma! — Pae bemdito sê por nós!

Gertrudes (*De pé*) — Sim! Deus vos abençoê meus filhos! (*Ouve-se o côro de aldeões que se aproxima*).

Gretchen (*Levantando-se*) — Gustavo, ahi vem meu tio padre da festa com os aldeões. (*Correm ao fundo*).

Gustavo (*Olhando para fóra*) — Quem se não sentirá compenetrado de religioso respeito ao encarar aquelle venerando sacerdote!

SCENA II

Os Mesmos, o Cura, Aldeões e Aldeãs. (Os aldeões e aldeãs entram em scena cantando em côro, e trazendo cestos de fructas e ramos de flôres — vem no meio delles o Cura Freitag em vestes sacerdotaes).

CÔRO DE ALDEÕES

Vigosa rebenta
Nos campos a flôr;
Alegres cantemos
Apóz o labôr.
E dê-nos a crença
Em Nosso Senhor,
A's almas descanço
E aos braços vigôr.

A' paz da familia
O amor nos conduz,
A esposa é do esposo
A vivida luz.
E os filhos risonhos
Orando a Jesus,
Dos paes que trabalham
Suavisam a cruz.

O Cura — Obrigado, obrigado, meus filhos. Boas almas são as vossas. Gosto de os vêr assim alegres depois do trabalho. Nos labores do dia está o pão, e o pão é a alegria dos que trabalham.

Gretchen — Sua benção, meu tio?

Cura — Deus te abençoê filha.

Gustavo — Deixe-me beijar-lhe a mão, meu mestre.

Cura — Adeus Gustavo, meu amigo. Fazias companhia á minha velha Gertrudes, e idyllos com a tua noiva; não é assim?...

Gretchen e Gustavo — Meu pae!...

Cura — Ora vamos, vamos. Mocida te sem amor é o impossivel para as almas bem formadas. Têm ambos o direito de amar-se um ao outro... amam-se: fazem muito bem. Abracem-me com força... assim!

Gretchen — Como meu tio é bom !

Cura — Ser bom é a mais facil das virtudes, e a que Deus recompensa mais largamente. Comprehendes, Gretchen, quem haja alguem mau na terra ?

Gretchen — Se há, é por que não conhecem a meu tio.

Os Aldeões — Diz muito bem a menina Gretchen. O sr. Cura é um santo.

Cura — Apenas vosso amigo e pae dos vossos espiritos, para vos ensinar a pratica das virtudes que bem merecem a Deus e a consciencia.

Aldeões — Tem razão o sr. Cura.

Cura (*Para Gertrudes, sorrindo*). — Sabes o que me fizeram estes maganões? esperavam-me de embuscada por detrás da torre grande do Castello, e trouxeram-me até aqui de galhofa, como vês.

Um Aldeão — E agora sr. Cura ha de nos dar licença. Sr.^a Gertrudes, queira aceitar estas pêras. São temporãs. Ha muito fidalgo lá na cidade, que as não come ainda por este mez tão boas. Desculpe a insignificancia.

Gertrudes — Obrigada, Kern.

Outro Aldeão — Eu trago-lhe tambem estas maçãs.

Gertrudes — Obrigada Hartman. E' verdade, como está a tua filhinha ?

Gretchen — Sim, sim, como está ?

Hartman — Já boa e rija que é um gosto olhar para ella.

Gertrudes — Amanhã, eu e Gretchen, iremos vel-a.

Hartman — Oh ! as senhoras são muito boas.

Uma Aldeã — E nós, menina Gretchen, trazemos-lhe estas flôres.

Gretchen — Obrigada Catharina, obrigada Suzanna, obrigada Luiza. Vou pol-as aos pés do meu Jesus Christo e da minha Nossa Senhora (*Vae ás commodas pôr as flôres nas jarras*).

Um Aldeão — Vamo-nos embora, rapazes; deixemos descansar o sr. Cura.

Cura — Sim, meus amigos, a noite aproxima-se. Vão levar essa alegria ás suas boas familias que os esperam. Eu vou tambem descansar um pouco estas pernas, que deram ha tempos para cá em fatigar-se por qualquer ninharia. (*Senta-se á direita*).

Gertrudes — Deus sabe o que tu caminhaste !

Um Aldeão — Cantemos o nosso côro de despedida. (*Cantam o coro do principio. Fim do coro, ouve-se ao longe o sino das Ave Marias. Todos ajoelham*).

Gretchen (*Canta*).

Ave Maria cheia de graça
Bemdito o fructo do ventre teu !
Ave, oh eleita entre as mulheres,
Ave, divina filha do céu :
(*Todos repetem em côro a mesma letra*).

Os Aldeões — Até amanhã, sr. Cura.

Cura — Boa noite vos dê Deus, meus filhos. (*Os Aldeões e Aldeãs beijam-lhe a mão em silencio e sahem. Tem anoitecido*).

Os Aldeões (*Na porta do fundo*) — Sr.^a Gertrudes, menina Gretchen, até amanhã.

Gertrudes e Gretchen (*Que os acompanharam ao fundo*) — Até amanhã (*Gustavo conversa á parte com o Cura*).

Gertrudes — Gretchen fecha a porta, accende luzes e depois vem cá dentro. (*Sahe á direita*).

Gretchen — Sim, minha avosinha. (*Accende luzes*).

SCENA III

Gretchen, o Cura e Gustavo

Cura (*Para Gretchen que vae sahir á direita*) — Vem cá Gretchen, aqui deste lado. (*Abraga Gretchen e Gustavo*). Deixem-me olhar para estas duas primaveras. Quero aquecer o inverno do meu corpo ao calor d'estas auroras que despontam gentis e risonhas, abençoadas pelo bom Deus. Digam-me : vocês deveras amam-se muito?... Baixam os olhos?... Crianças ! Baixarem os olhos por que?... As almas tranquillias nunca baixam os olhos. Mesmo quando estão na presença de Deus, que é o soberano dos soberanos, elevam-n'os e bem alto para adorarlhe as irradiações do seu esplendor divino. — Então é o pudor !... Esse que o tenham até o cerrar das palpebras quando estremecerem de se fitar a sós. Mas aqui, ambos a meu lado, espandam as almas nos olhos e nos sorrisos, e digam-me que se amam muito, e que querem deveras casar-se. Eu já sei que se amam, que estão anciosos porque eu os abençõe aos pés do altar de Deus. Sei que foi occiosa a minha pergunta. Porém, eu sou velho e impertinente...

Gretchen — Meu bom tio, impertinente !

Cura (*Para Gustavo*) — E foi ella quem falou primeiro. meu piegas ! Bebe ali um pouco de força para essa timidez infantil, meu gentil namorado. Vamos ; já disse que sou impertinente, e quero que me digam ainda mais uma vez que se amam, que se amam muito !

Gustavo — Eu não sei, meu bom mestre, se as palavras, que tantas vezes me tem ouvido, foram sufficientes para o convencer d'este amor, que é para mim uma religião ; só sei dizer-lhe que, se Gretchen me faltasse, eu morreria.

Cura — Basta ! A esta não enterrogo eu, porque leio-lhe no coração a toda a hora, a todo o momento. Ao canto da ave, ao raiar do sol, ao fulgor das estrellas, á face limpida e serena do lago, ao perfume das flôres. Deus não deu mais poesia e amor, nem mais pureza e doçura, do que as que estão reservadas na

candidez d'esta alma de anjo. Agora vae-te Gretchen, vae ter com tua avó que te espera.

Gretchen — Adeus Gustavo, até logo. (*Gustavo beija-lhe a mão*).

Gustavo — Até logo, Gretchen. (*Gretchen beija o Cura na testa e sahe correndo á direita*).

SCENA IV

Gustavo, o Cura

Cura — Quiz ainda mais uma vez ouvir-te falar assim, Gustavo. Tens podido apreciar o que ha de thesouros na alma d'esta criança, e de superior espirito na quella cabecinha graciosa e ri-sonha... Ch-go ás vezes a pasmar e a ter medo d'aquella intelligencia, numa idade tão tenra!

Gustavo — E' assim, meu pae! Gretchen tem ás vezes phrases de um idealismo que me deixam absorto; a sua imaginação tem vãos que me arrebatam e me fazem adivinhar o mundo infinito de encantos fascinadores, que se occultam lá dentro d'aquella delicada natureza.

Cura — Pois bem. D'aqui a um anno devo casal-os, e já não é sem tempo, que tu saibas tambem o que todos ignoram, excepto eu e minha irmã, sobre o nascimento de Gretchen. Hoje que a conheces bastante para ter feito d'ella o sonho da tua vida, e a consolação e conforto dos teus trabalhos e afflicções, nas horas menos felizes, nada influirá em teu espirito saber que Gretchen é, mais do que uma orphã, uma enjeitada de seu pae.

Gustavo — Como assim?!... Gretchen não é sua parenta?

Cura — Escuta-me e não te afflijas. Tu bem sabes quanto eu te estimo. E' triste o que vou narrar-te; e, por isso que és um digno filho, acharás uma lagrima para votar a memoria de uma infeliz mãe. — Foi em 1850. Era assim como agora ao principio da noite. Estavamos nesta mesma sala eu, minha irmã, que já nesse tempo era viuva, e um seu filho e meu sobrinho official de cavallaria que viera em commissão a Coblença e se despedia de nós, porque de madrugada devia partir para Berlim a unir-se ao seu regimento. Convém dizer para maior intelligencia do acontecido, que este meu sobrinho official, hoje fallecido, acabava de perder em Berlim, havia pouco tempo, não só a esposa, que não pudéra sobreviver ás torturas de um parto difficil, como tambem e nesta mesma casa, a filhinha já de oito mezes, que elle trouxera para confiar aos desvellos de minha irmã, mãe d'elle e avó da criança. A boa da minha Gertrudes, que foi sempre uma alma extremamente sensivel, como sabes, abraçava-se ao filho, e as lagrimas de ambos significavam não só a magoa da separação entre a mãe e o filho, como a dôr inconsolavel pela perda d'aquella

innocentinha, por quem a avó já hebia os ares. Fitava eu aquelle quadro de afflicção com a mudez, que certas dôres impõem a quem as contempla, quando de repente sentimos bater á nossa porta. Eu mesmo fui abril-a. Era uma pobre creatura, pallida como a morte, arquejante de cansasso e suffocada pelo pranto, com o qual inbundava o rosto de uma criancinha de seis mezes, que lhe dormia nos braços. — A criancinha era Gretchen, a infeliz era sua mãe. Apenas deu com os olhos em mim, cahiu-me aos pés exclamando com voz que mal se lhe entendia: « Padre! sinto-me morrer! Sou culpada porque erre! Sinto esfriar-se-me o corpo em torno da alma afflicta! Eis o fructo do meu erro! Ampare a innocente que não tem culpa, e ensine á minha voz a ultima prece do arrependido! » E a voz sumia-se-lhe a pouco e pouco.

Gustavo — Pobre martyr!

Cura — « As torturas e as angustias que hei soffrido, disse ella ainda, fazendo um supremo esforço, devem ter remido a falta de um momento; mas, Padre, lance-me depressa a sua benção, que eu temo morrer sem que haja no ceu um lugar para mim! » Assim falando, a desventurada lançou-se nos meus braços, quando já a criancinha acordava aos estremecimentos nervosos e convulsivos de minha irmã, que a apertava contra o peito e a cobria de beijos, dizendo: « Socegue boa mãe; eu tomo a tua filha como minha. Deus que m'a enviou, quando eu chorava a perda da que possuia, é que elle quer que eu seja o amparo d'esta! » E o choro da criança era abafado com os soluços e os beijos da sua já segunda mãe, porque a misera que caminhara duas leguas, pisando sobre os espinhos da sua agonia moral, sorria-se, é verdade, porém mal apenas respirava, nesta mesma cadeira, em que eu e meu sobrinho a haviamos sentado.

Gustavo — Ha no mundo amarguras incriveis!

Cura — Era minha conhecida. Maria Weber assim se chamava, hia resar á Cathedral, aonde por mais de uma vez eu a resignara com seu infortunio.

Gustavo — E o nome d'esse homem? do pae de Gretchen?

Cura — Perguntei-lh'o numa dessas occasiões, não m'o quiz dizer. Aqui em casa ia pronuncial-o a meu pedido, quando a voz se lhe sumiu num gemido, que mais parecia a vibração harmoniosa de uma nota plangente, do que o ultimo arranco de uma vida desditosa! Morreu, sorrindo! Ainda estava viva, e era já pela segunda vez um anjo!... (*Pausa*). Escusado é dizer-te que Gertrudes achou dalli em diante nessa creança a netinha que perdêra; imagina o amor que sempre lhe teve. E' esta a historia de Gretchen. O resto tu o sabes tão bem como eu. Eis o que em minha consciencia eu entendi dever narrar-te, uma vez que Gretchen, vae ser tua esposa.

Gustavo — E fez bem, meu pae, porque agora sinto que a amo ainda mais se é possível.

Cura — Isso já eu esperava. E' o retrato de sua mãe, que morreu com 19 annos.

Gustavo — Como havia de ser linda! Pobre Maria!

Cura — Quando ás vezes Gretchen entristece, porque o sr. Dr. Gustavo vem mais tarde, contemplo-a e admiro a rara semelhança dos dous semblantes! E' extraordinario! (*Ouve-se trovoadas e chuva que cresce a pouco e pouco*) Isto mesmo que te contei, hei de dizer-lh'o a ella esta noite. (*A trovoadas augmenta*). Olá! ahí temos a natureza revolta!

Gustavo — E a chuva comnosco!

Cura — E ahí temos tambem a minha Gertrudes afflicta, não tarda nada.

SCENA V

Os mesmos, Gretchen

Gretchen — Meu tio, a avosinha está com muito medo da trovoadas, vamos todos lá para dentro.

Cura — Que dizia eu? Foi sempre assim desde criança. Agora, em quanto não faço oração ao pé d'ella, não socega. Ahí vou.

Gustavo — Gretchen, sabes que te amo mais do que te amava? Julguei que era impossivel, mas é verdade.

Gretchen — E porque Gustavo?

Gustavo — Amanhã o saberás.

Gretchen — Amanhã?

Gustavo — Sim; e adeus. O tempo está ameaçando borrasca: vou para casa a todo o galope. Hoje não ouço a tua balada ás dez horas.

Gretchen — Paciencia. Mas não insisto por causa da noite. (*Sahe*).

Gustavo (*á parte para o Cura*) — Então aquella ballada...

Cura (*o mesmo para Gustavo*) — Coitadinha, ella canta desde criança, sem saber que canta a sua propria historia. (*alto e levantando-se*) Vamos, vou socegar a Gertrudes, antes de ir ao castello fazer oração á minha santa.

Gretchen — Com esta chuva, meu tio?

Cura — Com esta chuva?! E' a primeira vez que lá vou debaixo de mau tempo? Já viste passar alguma noite sem que eu lá fosse? E demais, não é o castello encostado aqui mesmo ao lado da nossa casa? (*Indo a sair*).

Gustavo — E' verdade, meu mestre. Ando já ha tempos com vontade de lhe ouvir a historia da santa de Rollandseck.

Cura — Não é possivel meu filho. Infelizmente o unico homem na terra, a quem posso e é do meu dever contal-a, não me parece, pelo que a meus ouvidos já chegou, muito digno de a ouvir. Mas enfim a consciencia diz-me que devo relatar-lhe toda a verdade, se eile de facto quizer reconstruir o castello.

Gustavo — Fala de um tal sr. Oscar Werner?

Cura — Falo.

Gustavo — E' um homem de pessimo character, meu pae.

Cura — Infelizmente para elle, assim é.

Gretchen (*entrando*) — Então meu tio, e a avosinha?

Cura — Adeus meu rapaz, até amanhã. Vou ter com a minha Gertrudes.

Gustavo — Sua benção, meu pae.

Cura — Deus te abençõe.

Gustavo — Até de manhã, Gretchen. Que pena levo de não ouvir a tua balada ás dez horas.

Gretchen — Que se lhe ha de fazer? Vem cedo, sim?

Gustavo — Sim, adeus. (*Sahe. Gretchen fecha a porta*). Vamos, vamos, meu tio. Os trovões estão muito fortes, e a avosinha está com muito susto.

Cura — Sim, sim, vamos lá socegar esta criança de 60 annos! (*Sahe á direita, cahe o panno*).

FIM DO SEGUNDO ACTO E DO QUARTO QUADRO

ACTO III

QUADRO IV

O REMORSO VIVO

Grande varanda gothica no Castello de Rollandseck. A' esquerda e direita baixas duas altas portas fechadas, guardadas aos lados por armaduras completas, sobrepostas em pequenos pedestaes de marmore. Ao 3.º plano o parapeito da galeria, cujas altas ogivas se acham derrocadas pelo abandono e pela acção destruidora do tempo. Ao lado esquerdo da balaustrada grande porta de communicação d'esta varanda para outra que se prolonga a perder de vista, fazendo angulo recto com a primeira. Ao fundo paisagem sinistra de abysmos e despenhadeiros, vendo-se á direita a continuação das ruínas do Castello, de onde sobresahe o alto de uma torre em cujos reoncavos fulgem os olhos das corujas que piam de espaço a espaço. A lua meia escondida, num ceu recamado de grossas nuvens, lança sobre a terra um tibio clarão azulado. Raios, trovões, relampagos e chuva.

SCENA I

Completa solidão. Grande symphonia de orchestra, que principia antes de subir o panno, de accordo com o aspecto lugubre do quadro, e com a agitação da natureza. A meio da symphonia, ouve-se dez horas no sino d'aldeia de Rollandseck. A' primeira badalada, pára a symphonia, e á ultima oure-se longe Gretchen cantando a sua

BALLADA

Eu sou flôr arremessada
Ao desprezo em negro dia!
Minha mãe soffreu martyrios...
Pobre mãe!
Pobre Maria!...

Eu sou folha abandonada
Ao furor da ventania!
Minha mãe desfez-se em lagrimas...
Triste mãe!
Triste Maria!...

Eu sou filha abandonada
Por meu pae, que não me qu'ria!
Minha mãe morreu de angustias...
Infliz mãe!
Infliz Maria!...

Fui com prantos embalada...
Minha mãe me estremeçia!...
Seus abraços eram fervidos...
Meiga mãe!
Meiga Maria!...

Pobre, triste, infliz e meiga,
Debil haste ao chão pendida!...
Foi-lhe algoz, meu pae! O misero!...
Santa Mãe!
Santa Maria!...

Mas encontre o algoz sem alma,
Sempre e sempre, e dia a dia,
Sobre a terra atroz supplicio!...
Salve mãe!
Salve Maria!...

Logo que cesse a ballada, a orchestra continúa a symphonia interrompida, e que re-resce de vivacidade e agitação até acabar com o estrépito horrivel de um raio proximo, ao clarão do qual entram em scena Oscar e o Major.

SCENA II

O Major, Oscar

Oscar (*em traje elegante de montar a cavallo*) — Bravo! São os proprios elementos que se encarregam de salvar a minha entrada no sinistro dominio! São bellos estes tremendos solavancos da natureza! Sombras dos lagos, phantasmas dos abysmos, damas brancas, aves medonhas, hospedes lugubres das torres encantadas, vinde dançar em torno do vosso Castellão em tripudio de demonios!... Vinde, vinde a mim!...

Major (*tremendo de medo e todo cheio de lama*) — Não brinque com estas cousas, meu amigo!

Oscar — Que cousas?

Major — Não chame assim de cassoada por essa gente toda. Olhe que elles podem vir ter connosco aqui mesmo!

Oscar — Os phantasmas? as sombras? Quem m'as déra!

Major (com susto) — Não... não... não diga isso!

Oscar — Sim, quem m'os dera aqui todos! Achariam em mim um excellente companheiro! Quando a terra se sente opprimida debaixo da convulsão dos elementos, sinto-me capaz de commetter desatinos que envergonhariam o proprio satanaz! As damas brancas sobretudo! Venham! venham, que lhes quero roubar um beijo a cada uma! (*ouve-se assobiar a ventania, as armaduras rangem e fazem bulha*).

Major — Hein? não ouviu?

Oscar — Não ouviu o que, Major?

Major (*lirto de terror*) — Mau! Não gosto d'estas graças. Vê? O que dizia eu?

Oscar — Mas que foi, bravo Major de Quitzow?

Major — Estas armaduras teem dentro gente viva!

Oscar (*olhando em roda*) — São quatro ao todo e o Major não é homem para quatro? Não me faça duvidar das suas façanhas!

Major — Não, mas é que...

Oscar — O Major é um poltrão!

Major — Um poltrão, eu?! (*á parte*) Já é o segundo que hoje me chama.

Oscar — Sim, um poltrão! Aposto que não é capaz de arremetter só contra aquella, (*aponta a armadura da E. B.*) Vamos, dê-me conta d'esse que está ali dentro, que eu me encarrego dos outros tres.

Major — Ah! homem para homem, venha o primeiro que me faça recuar. (*dá um passo e desembainha a espada*)

Oscar — Isso, isso Major, parece-me que o vejo em Solferino.

Major (*arremette contra a armadura de espada em punho, a armadura meche-se e elle larga a espada no chão e recua até a extremidade*) — Não viu? eu bem lh'o dizia. (*fica a*

Oscar — Ah! ah! ah! Major! eu não o largo mais durante toda a minha vida! Então aqui dentro ha gente viva? (*aproxima-se da armadura*).

Major (*supplicante*) — Não mecha ahi, sr. Werner! Não mecha, pelo amor de Deus! Olhe que o senhor depois arrepende-se! (*veendo Oscar pegar no capacete*) Jesus! (*cobre o rosto com as mãos*).

Oscar (*aproximando-se do Major com o capacete na mão*) — O que estava ali, não tem cabeça pelo menos. Veja!

Major (*Fugindo para a esquerda*) — Não se chegue para cá! Não se chegue! Olhe que isso queima-lhe as mãos. Já me entrou pelos narizes um cheiro de phosphoro.

Oscar — Ora vamos, Major; não me faça convencer que se está divertindo á minha custa.

Major — Eu? Pois pôde pensar em tal?! Ora essa!

Oscar (*Tendo posto o capacete no seu lugar, levanta do chão a espada do Major*) — A sua espada está cheia de ferrugem!

Major — E' da humidade.

Oscar — Ou da immobibilidade.

Major — Amanhã vou limpá-la.

Oscar (*Entregando-lh'a*) — Para que? Não se dê a trabalhos inuteis. Metta-a na bainha e cante-lhe um *requiescat*. (*O Major mette a espada na bainha*) Mas que é isso, Major? A sua farda está num esta lo lastimoso! Então o lugar em que cahiu do cavallo at'aixo era algum lameiro?

Major — Creio que sim.

Oscar — Crê que sim, hein? Pois deixe-se estar, que está muito pittoresco! Mas que é d'essa gente toda? O Conde, o Barão, o Cavalheiro, e sobretudo o sr. Mayer, o nosso burgo-mestre, que tanto me custou resolver a vir connosco?

Major — Esse deve estar comendo ahi pelo caminho.

Oscar — E' o mais provavel. Come muito, aquelle homem, não lhe parece?

Major — Muito, meu amigo. No fim do jantar comeu elle sósinho um leitão assado.

Oscar — Devéras? Mas pelo que vejo ficaram ainda muito atraz?

Major — A culpa foi sua, meu amigo.

Oscar — Como assim?

Major — Foi o seu capricho de dar uma grande volta no meio do caminho. Por isso chegamos aqui a estas horas e apanhamos tanta chuva.

Oscar — Então que tem? O Major tambem terá medo da chuva?

Major — Não digo isto por mim. Estou já acostumado a estas cousas. Nas campanhas do Pacifico...

Oscar — Não, Major, lá isso não! Guarde a continuação das suas façanhas bellicas para outro jantar; agora dispense-me.

Major — Mas queria convencer-o de que não temo a chuva. E a prova é que não sahi de seu lado.

Oscar — Isso prova, pelo contrario, que teve muito medo.

Major — Quem, eu?

Oscar — Sim, o Major. Agarrou-se a mim, porque de todos era eu o unico que poderia valer-lhe em qualquer afflicção. Confesse, confesse que teve, tem, e ha de ter medo toda a sua vida. Tanto que não é capaz de fazer o que lhe vou pedir.

Major — Diga.

Oscar — Sinto-me com vontade de ficar alguns minutos a sós no meio d'este quadro romantico e sinistro ao mesmo tempo. Quero fumar um charuto descansado, sem que o Major me per-

turbe com os seus terrores pánicos. E' uma phantasia das minhas. Sabe que tenho phantasias.

Major — Sei, sei.

Oscar — Vá ver pois se encontra os nossos companheiros. Saia do castello, monte a cavallo, e traga-n'os aqui. Já agora visitaremos o castello todo ao clarão dos relampagos. E' outra phantasia. Ent' o não se meche?

Major — E' que... Na verdade...

Oscar — Vê?... Está com medo. E' ou não o que o eu dizia?... Escute! parece-me ouvir passos.

Major (*Afastando-se com terror*) — Mau! Que mais teremos?

Oscar — Não tenha susto que estou eu aqui. Ah! é Muller e Antonio.

Major (*A'parte*) — Safa! cheguei devéras a ter medo!

SCENA III

Os mesmos, Muller, Antonio

Oscar — Então sr. Muller, que é feito dos nossos companheiros de jornada?

Muller — Venho participar a V. Ex.^a que, o sr. Conde, o Cavalleiro de Berneck e o Barão de Garnier voltaram para a cidade conduzindo com grande custo o sr. Mayer que cahiu num fôssô da estrada e ficou um pouco maltratado.

Oscar (*Para o Major*) — Lá se foi o leitão assado! (*Para Muller*) E os meus escudeiros?

Muller — Dous foram tambem para a cidade a pedido do sr. Conde. Está aqui o Antonio, e ficou outro lá fóra, tomando conta nos cavallos.

Oscar — Está hem; aquella porta deve dar entrada para este corpo do Castello. Vão todos esperar-me do lado do norte, que eu saio por lá. Levem o meu cavallo á redea.

Muller — Sim, senhor.

Oscar — Vá tambem, Major.

Major — Então, sempre quer ficar aqui sósinho? Veja lá o que faz.

Oscar — Se me tem inveja, fique o Major que eu vou espectral-o. (*Vae a sair*)

Major (*Apressadamente*) — Não, meu amigo, não. Nesse caso eu vou, eu vou.

Oscar — Vá; agora não tem razão para ter medo.

Major — Não é isso, mas é que... (*Sahindo*) Não se demore muito. (*A'parte*) Segunda vez não me pilham no tal Castello.

Antonio (*Para o Major*) — Se o sr. Major está com algum receio, tem aqui um homem em que se póde fiar.

Major — Sei que és um bom rapaz. Dá-me o teu braço. (*Sahem*).

SCENA IV

Oscar (*só, fazendo fogo e accendendo um charuto*)

Bem; vou ver essas abobadas todas, á luz do basso clarão, já que os incidentes do passeio me fizeram chegar a esta hora. Resta primeiro saber se aquella porta poderá abrir-se. (*Olha para a porta da direita, na occasião em que della sahe o Cura Freitag que a fecha á chave pelo lado de fóra*). Oh! que é aquillo?! Tenho inquietos no meu Castello? Quero saber quanto me pagam de renda. E é um padre! Peior é a festa. Antes fosse uma dama branca!

SCENA V

Oscar, o Cura (*o Cura, depois de fechar a porta, encaminhou-se serenamente e de olhos baixos para o fundo á esquerda*).

Oscar (*A'parte*) — Não me vê. Mas eu é que o não perco. A conversação d'esta mumia deve ser muito curiosa! (*Alto para o Cura que vae a sair*). Uma palavra, reverendo padre mestre.

Cura (*Parando e voltando-se tranquillamente*). — Quem me chama?... Ah! perdão, senhor; não o vi quando passava; o que não admira porque é a primeira vez que encontro aqui alguém a estas horas... Mas o senhor neste lugar... só... alta noite, com o mau tempo que vae lá fóra... provavelmente abrigou-se da chuva. Porém, aqui, sem ter ao menos aonde sentar-se não é possível estar a seu commodo. Se quer dar alguns passos, temos aqui junto ao Castello uma pobre casa, que lhe offereço da melhor boa vontade.

Oscar — Obrigado, reverendo. Sem que eu seja seu conhecido, vou dizer-lhe o seu nome. Se a casa em que o reverendo habita, é junto ao Castello, eu falo do Cura Freitag.

Cura — E' uma verdade.

Oscar — E longe de aceitar a sua offerta, sou eu que lhe pergunto a razão porque o venho encontrar aqui a estas horas?

Cura — Perdão, meu filho. Eu não lhe fiz uma semelhante pergunta e já aqui estava antes do senhor. Nunca tive o gosto de o vêr; não o conheço, e nem por isso procuro saber o seu nome. Parece-me, por tanto, que posso deixar de lhe responder.

Oscar — A outro qualquer convenio, a mim não.

Cura — Não comprehendendo.

Oscar — Comprehenderá quando eu lhe disser que este Castello é propriedade minha.

Cura (*fitando-o*) — Como?!... O senhor chama-se Oscar Werner?

Oscar — Exactamente.

Cura — Sobrinho e herdeiro de Christovão Werner.

Oscar — Sem tirar nem pôr.

Cura — Mas seu tio morreu ha quinze annos, e...

Oscar — E' verdade, e só hoje é que ponho aqui os pés pela primeira vez. Cousas d'este mundo.

Cura — Mas a estas horas, e numa noite semelhante! E' singular!

Oscar — Singularissimo. Eu sou muito affeito a estas eccentricidades. Se o reverendo me conhecesse bem de perto não estranhava.

Cura — Não duvido.

Oscar — Porém, meu padre mestre, não desviemos a questão. Eu insisto na minha pergunta. Sou muito curioso de tudo que me respeita directa ou indirectamente; e desejo saber não só o motivo porque venho enconral-o sahindo d'alli a estas horas, como tambem o motivo porque fechou aquella porta.

Cura — A noite vae adiantada senhor. A qualquer hora do dia de amanhã, e no lugar que se dignar marcar-me, eu lhe farei a explicação de tudo que desejar saber ácerca d'esta propriedade que é hoje sua; assim como espero dizer-lhe tambem quanto basta, para vêr d'aqui em diante na sua pessoa um digno possuidor do Castello de Rollandseck.

Oscar — Nada, nada, meu padre; não estamos concordes. Sou muito caprichoso, excessivamente caprichoso e, se o incommodo, tanto peor... sou dono d'este Castello. Deu-me na phantasia vir tomar posse e conhecimento d'elle a esta hora numa noite tenebrosa! Não é natural, mas é assim mesmo. Estou aqui só, como vê; o lugar em que piso é meu. Sou senhor absoluto d'elle; posso, quero e mando! Não me consta que este Castello seja habitado por alguém; e quando o fôsse, seria um abuso de propriedade alheia. Ha de convir no que digo. Venho aqui e encontro um estranho, que sahe de uma porta interior do Castello e fecha á chave essa mesma porta. Pergunto a razão do facto e quero ser informado.

Cura — Mas esse estranho que encontra, é um velho de setenta annos.

Oscar — Seja quem fôr, que tenho eu com isso?

Cura — E esse velho de setenta annos é um sacerdote de Christo..

Oscar — De Christo ou do diabo é um homem como qualquer outro. *(Neste momento atravessa o fundo da esquerda para a direita a Sombra do remorso com um bando de corvos e morcêgos. Um raio cae com grande estampido e allumia o fundo por um instante).*

Cura *(Encarando Oscar e depois de breve pausa).* — Desventurado! Que cegueira d'alma pôde pôr em tua boca essas phrasas?! Quem jamais falou em termos tão descomedidos a um velho inoffensivo, e mais que tudo, a um ministro de Deus?! Não temes, infeliz, o castigo d'esse mesmo Deus?!

Oscar — Mas o padre é que me impacienta! o que eu temo é a irascibilidade do meu genio e nada mais.

Cura — Mas a irascibilidade, insensato, é sempre um erro; mais que um erro, um peccado!

Oscar — Padre! os sermões longe de me acalmarem, irritam-me os nervos. Tudo quanto possa dizer, não me tira o direito de perguntar-lhe o motivo porque venho enconral-o fechando á chave uma porta interior d'este Castello que é minha propriedade. Sinto que a impaciencia me chega, e exijo que me responda.

Cura — Respondo-lhe, senhor, que o que esta chave fecha ali dentro, não pôde ser propriedade se não de um homem digno de possuir um tão precioso thesouro.

Oscar — Ali dentro ha um thesouro?!

Cura — Não de dinheiro, que esses nada valem! desfazem-se quasi sempre sem nem sequer deixar vestigios de sua existencia. O que aquella porta encerra, é thesouro de bens infinitos, fonte inexgotavel de felicidades para os bem quistos do ceu.

Oscar — Quer dizer com isso que o não é para mim?

Cura — Infelizmente estou-o vendo e lamento-o de todo o coração. Mas para os arrependidos, ha sempre um raio da clemencia divina! Fuja do trilho falso por onde conduz os passos transviados, e o arrependimento o trará ao bom caminho, é o unico aonde floresce a paz da consciencia.

Oscar — Arrependimento de que? Não me conte historias, padre. Arrependido ficaria eu se estivesse por mais tempo a ouvir-lhe com tanta paciencia as predicas beatificas. Vá o reverendo nessa paz de consciencia em que me falou, e dê-me essa chave, que eu quero não só vêr o tal thesouro inexaurivel de bens supremos, como ir por ahi dentro distrahir-me nessas galerias de magestosa e severa imponencia.

Cura — Perdão. Esta chave não posso dar-lh'a já, neste momento.

Oscar — *(Elevando a voz com ameaça)* — Recusa-me essa chave e com que direito?! Eu a quero!

Cura — Basta, senhor, não é preciso exaltar-se por essa fórma! Pe e-me esta chave, e pede-m'a de um modo e em termos que jámais ninguem usou commigo. Sou velho, o senhor moço, fraco do corpo, o senhor vigoroso e robusto. Já o conheço em poucos minutos, bastante para avaliar os extremos a que uma recusa formal da minha parte poderia arrebatara essa indole tão propensa ao mal. E' a mim, pois, que compete impedil-o de desattender meus cabellos brancos e minhas vestes sacerdotaes. Vejo-me obrigado a dizer-lhe já o que esperava apenas narrar-lhe amanhã porque sinto-me fatigado; e Deus lhe perdôe o immenso sacrificio que essa indesculpavel impertinencia impõe em tão avançada hora da noite, a um homem da minha idade, pobre de forças, e tão necessitado de repouso para as fadigas de todos os dias.

Oscar — Mas eu dispenso a narrativa.

Cura — Ella é necessaria.

Oscar — Qual necessaria! Dê-me a chave e eu cá me arranja.

Cura — De que serviria eu dar-lh'a, se não poderia alli penetrar?

Oscar — E porque!

Cura — Não sei explicar-lh'o, mas é um presentimento que eu nutro, com a fé viva num Deus justo! Não trevas, em que vejo seu espirito, jámais poderá transpôr os umbraes d'aquella porta, creia-o!

Oscar — E' o que veremos!

Cura — Por isso vou dizer-lhe tudo. Em seguida, antes de retirar-me, confiar-lhe-hei esta chave. Se, depois de me ter ouvido, não lhe rebentar do coração um raio de luz que lhe illumine a alma, debalde procurará entrar alli dentro. As pernas tentarão caminhar, não o poderão; o braço tentará abrir a porta, não o conseguirá!

Oscar — Padre. Ao entrar aqui, o aspecto lugubre d'estas ruinas pareceu-me curioso; ao vê-lo depois pareceu-me mais curioso que as ruinas; mas a historia, que ameaça contar-me, affigura-se-me muito mais curiosa ainda que o padre e que as ruinas. Mudei de opinião. Venha a historia, mas que seja breve.

Cura — Sel-o-ha. São poucas palavras. Peço-lhe só, e o pedido é tão simples, que não vale a pena o seu espirito deixar de m'o satisfazer, peço-lhe que não me interrompa.

Oscar — Está dito! Empenho a minha palavra. Sou todo ouvidos.

Cura — Em 1700, nessa epocha desastrosa, em que o pequeno reino da Prussia se viu assolado pelas guerras dos sueccos e dos russos, era senhor d'este dominio o Conde Hugo de Kollandseck. Tinha dous filhos: Karl e Emma morreu com 21 annos. Há seculo e meio que está alli naquella capella num caixão de vidro e sobre rico catafalco. Para os incredulos, para os desherdados da fé, é talvez um impossivel, porém, a verdade é que ainda hoje o rosto da virtuosa Emma se apresenta puro, tranquillo e risonho como se viva estivesse. Na aldeia e nas circumvisinhanças, há mais de um seculo que todos a chamam a Santa de Rollandseck. De geração em geração os descendentes d'esta familia foram sempre prestar culto de adoração e respeito á Santa. Emquanto assim praticaram, todos os bens eram pelo ceu enviados aos senhores de Rollandseck. O mesmo, porém, não aconteceu com o ultimo herdeiro o joven Conde Guido. Em vez das homenagens dos seus ascendentes, profanou o santuario com a gargalhada do irreverente e do disculo. O castigo não tardou! Os raios reduzem a ruinas o soberbo edificio, a Capella fica intacta, e o Conde perdida a saude, na vida mais licenciosa e a riqueza nas garras do jogo, morre aos 26 annos, deixando todos os seus bens esbanjados pelas mãos dos credores. Seu tio, que

era o maior, ficou de posse do Castello; das mãos de seu tio, que nunca d'elle fez caso, passou para as suas. Há 40 annos que eu tomei expontaneamente a mim a guarda e o culto d'esta Capella de tão sagradas tradições. Eis explicada a minha presença neste lugar. — Para que a felicidade acompanhe e doure seus dias, entre na Capella, dobre o joelho constricto e eleva o coração a Deus numa supplica sincera. A Santa, que ali está há seculo e meio, ha de fazer que Deus ouça a sua voz e lhe perdôe os passados desvios. Aqui tem a chave. Vá, senhor, vá! (*Sahe*).

SCENA IV

Oscar (*Só*) — Sim senhor, o podre fala bem! Eis a chave d'aquella porta. Pois eu deveras hei de ir alli dentro bater nos peitos e murmurar surdamente um lamurioso *penitet-me?*... Por um lado tinha desejos de fazer a vontade ao padre; mas por outro receio que em vez da oração que teria de inventar, me estalle dos beiços a gargalhada que sinto já a pular-me na garganta!... Eia! nobre Castellão! Caminhe serio e constricto. Eis alli o seu Jordão. Vamos tomar o banho purificador. (*Caminha para abrir a porta, as armaduras cruzam as lanças em riste contra o peito de Oscar*) Que?!... (*Recua um passo: as armaduras voltam á sua posição*) Dir-se-hia que estas armaduras me vedam os passos!... Mas não!... não é possivel! foi illusão minha! ellas não se mecheram... não poderiam mesmo mecher-se... (*vae a dar um passo e pára*) Que sinto eu aqui no peito?... tratei mal aquelle padre... era um velho... elle disse-me que eu não era digno de penetrar alli dentro... a sua voz era fraca... mas vinha vibrada de convicção!... Parece-me que o ouço ainda!... (*De repente ergue a cabeça altivo, outro tom*) Mas que é isto?!... Que temôres pueris são estes em mim?!... não sou digno de entrar alli?... ah! ah! ah! vamos a vêr! (*Avança arrogante, a porta abre-se de par em par.*)

Sombra (*No limiar da porta*) — Não, Oscar Werner! não és digno de entrar aqui!

SCENA V

Oscar e a Sombra

Oscar (*Recuando*) — Tu!... Tu outra vez sombra infernal!...

Sombra — Outra vez! e sempre! e a toda a hora! instante a instante até matar-te!

Oscar — Matar-me, não! que eu posso fugir-te!... (*Corre para o fundo, e estaca de repente como petrificado.*)

Sombra (*Que ao vêr Oscar fugir levantara os braços e estendera para elle as mãos com os dedos abertos e curvos como garras*) Volta-te para mim!... volta. O crime não pôde fugir ao re-

morso! (*Oscar volta-se como cedendo a uma força superior que o domina contra sua vontade*) Vem! (*Oscar dá um passo*) Mais! *Oscar caminha horrorizado*) Pára! que se chego a tocar-te estrangulo-te nas minhas garras!... Oscar Werner!... já não és só um infame!... és um ente abjecto!... és um reprobado de Deus!... és um condemnado do ceu!

Oscar (*voz surda e a custo*) — Oh! não fales que soffro horrores!...

Sombra — Ouve, maldito!... Ouve e cae por terra!... (*Oscar cae de joelhos*) assim!... roja-te como a serpente enraivecida que morde o chão em que se estorce agonizante!...

Oscar — Mais não... não... que assim morro!...

Sombra — Não morrerás ainda por maior castigo das tremendas culpas! No lugar aonde blasphemaste impiedades atrozes, ahí mesmo soffrerás todo o horrôr da pena implacavel! soffre, miseravel... assim!... estoure-te o peito fibra a fibra... nas torturas do remorso flagellador!... Não te bastavam lá fóra os calcu'os vis das anhições torpes... não te bastava o esquecimento torpe das infamias vis! ousas chegar até aqui com a gargalhada satânica a cuspir peçonha no santuario augusto!

Oscar (*em agonias horriveis*) — Basta! basta!

Sombra (*harmonias lugubre na orchestra*) — Não basta!... não basta! teus olhos ainda vêem, tua bocca ainda fala, teu peito ainda tem que lacerar... não basta! Oscar Werner! as torturas que te estortegam são peiores que as do ferro em braza a queimar as carnes!... São as torturas do remorso a roerem-te as entranhas!... (*Oscar tenta levantar-se e cae*) Que é isso?... Tentas erguer-te?... Como?!... Pretendes lutar com o teu proprio remorso?!... Não podes misero mortal!... Quem agita o remorso é o braço implacavel do Deus castigador! Quem és tu para lutar com o poder de Deus?!... Roja-te! (*Oscar cae de bruços*) mais!... mais ainda!... (*Oscar cae com as faces por terra*) assim!... Estorce-te nas agonias do possesso!... E' ainda pequeno supplicio para a enormidade da culpa!... Soffre mais!... (*Oscar solta gemidos surdos*) Agora não!... Mais, seria a morte... e Deus é elemento! Para o maior criminoso, póde haver ainda um raio de luz salvadora!... Vamos!... Perde as forças todas!... Banhe-te a frente, o suor irio do cadaver!... Dorme!... Mas, agitem teu somno pesadellos horriveis!... (*Oscar como dormindo soffre contrações violentas em todo o corpo*) Assim!... (*A sombra ajoelha-se, agitando as garras sobre o peito de Oscar. Estrepito de raios, forte de orchestra. Cae o panno*)

FIM DO QUINTO QUADRO

QUADRO VI

PRIMEIRO RAIOS DE LUZ

Vista de campo. Um pouco antes de amanhecer. Ao fundo rio e margens pittorescas. A neblina da madrugada pousa sobre o rio. A' esquerda arvoredo frondoso. Do 1.º ao 2.º plano da esquerda um muro que faz angulo para dentro dos bastidores entre o 2.º e 3.º plano. Na esquina d'este muro, uma bica d'agua. A' direita face exterior da casa do Cura. Do 3.º plano para o fundo á direita rochedos escarpados. Uma larga pedra bruta no meio da scena, 2.º plano. Ao subir o panno a scena está por um momento deserta, ao som de uma introdução de orchestra que pára á entrada de Oscar.

SCENA I

Oscar (*só*)

Oscar (*Entrando pela direita, o fato em desalinho, os cabelos em desordem*). — Ironia do destino ou cobardia do homem! Acaso ou providencia — o que é isto!?! Pois estou feito o ludibrio de uma força ignota, eu o homem temerario e philosopho, abatido e á mercê de preconceitos pueris, de terrorres inconfessaveis!... Oh! que não possa eu humanisar esses entes incoersiveis que me torturam para decepal-os todos de um só golpe!... O remorso!... o crime! mas um crime vulgar para um remorso perenne!... Não e não! Qual é o homem ahí que não tenha no coração um ponto negro pela gangrena da vida?... Entretanto para mim só esta horrivel flagellação!... Ella é maior que o meu crime, eu sou mais passivo do que o ceu! o ceu! (*Amargurado*) As letras d'esta palavra ulceram-me os labios!... o ceu!... (*Gretchen canta a ballada dentro da casa. Começa a amanhecer*) Esta musica é de uma doçura que me encommoda! Sinto uma conspiração naquellas harmonias. (*Prestando ouvidos*) São as notas ou as letras que me estortegam a alma?... (*Mais attento*) Sim!... este romance...! Que voz é essa tão meiga e tão travada de veneno? (*Ouvindo com exaltação crescente e febril*) Maria!... este nome!... Maria!... ah!... esta canção fala de Maria e de mais alguém que eu tenho medo de nomear!... E' isso!... uma filha!... Uma pobre filha abandonada!... Mas aonde está o mensageiro d'estas agonias?!... E' certo!... eu tenho uma filha!... ou antes eu a tive!... perdia-a talvez para sempre!... Ha

quinze annos!... um raio, um raio de luz que me illumine neste horrído pragal!... Pae, eu! pois eu pude ser pae!... pude enge-drar um anjo?!... e quem m'o ha-de dar agora?!... (*Correndo a scena desvairado*) Onde encontrá-o?... desventurado, que te esqueceste do passado, e que nelle vias um crime só!... Dous! são dous crimes... e qual d'elles o maior!... Onde esconder a minha existencia, se eu tenho medo de mim mesmo! da minha sombra e do halito! se tudo são phantasmas que me escruciam e despedaçam. Entranhas da terra, profundezas inhospitas das aguas, abram-se! Abram-se os abysmos sem luz, os mais horrendos para servirem de abrigo ao reprobo da criação!... Nesta solidão tão povoada de terrores, eu tenho medo!... Ouço a natureza que me fala... escuto todas as vozes do silencio e do espanto!... falam as florestas, os montes, e falam as aguas!... Concerto funereo e assombroso (*Em delirio*) Ninguem mais ouve!... é só para mim esta anarchia do universo!... já não é o canto acerbo da ballada! já não é a melodia ex-probadora do paraíso perdido!... é peor!... é a condemnação solemne pelas vozes da natureza indignada! Oh! a rigidez d'estas rochas como que se amenisa! mas, d'essa simulada brandura eu vejo surdir um emissario de maldição!... (*Recuando*) Ali! ali... eu tremo!... (*Harmonia*).

Um Gnomo (*surgindo do rochedo*)

Treme! treme precito... confunde-te de medo...
Tua alma é mais granitica do que este rochedo!...
Aparta-te cruel... tu és cofre de crimes...
A terra, que tu pisas, com peso enorme opprimes!
Monstro, assassino, some-te, d'aqui te affasta, sahe!
Serpente venenosa, mau amante, mau pae!

(*Desapparece*).

Oscar (*Que ouvira extractico*) — Ah! eu perco a razão!... ar!... quero uma aragem que me refresque a fronte incendiada! Calcina-me esta atmosphaera tão erma de um sopro de Deus!... As arvores!... (*Volta-se para a esquerda*) Sim... talvez aqui... talvez... (*Corre para as arvores e recua com um brado de angustia*) Ainda!...

Uma Amadryade (*Apparecendo no rochedo. Harmonias*).

Ainda, sim! ainda! e sempre, e mais... ainda!
O teu tormento é justo! o teu soffrer não finda!
Não busques nem nos ares, nem na terra e nem nos mares,
Conforto a teu castigo, remedios a teus pesares!

Vingança d'além tumulo, por Deus santificada,
Prosterna-te no pó... alma que o inferno aguarda!
Aqui d'esta floresta não busques a guarida
Vive com a morte nalma! eis... eis ahi tua vida!

(*Desapparece*).

Oscar (*De olhos fitos como petrificado*) — Oh! é inaudito! é possível que a mão pesada da fatalidade subjugue assim uma creatura inerme contra o impalpavel!... Vingança d'além tumulo! (*Cobrindo o rosto com as mãos*) Vingança d'além tumulo repetiu-se aqui... e no emtanto o sepulchro é a paz, a mansidão, e deve ser a clemencia!... (*Prerrompendo em explosão*) Potestades do ceu! Não é crível que possa para mim brilhar ainda um pharol?... Tanto raio luminoso lá em cima, e nem uma estrella... uma só que se me approxime como a percursora da redempção! tudo... tudo surdo e impassivel ao meu soffrer descommunal... tudo mudo!... tudo surdo!... (*Cae uma estrella nas aguas e surge d'ellas uma Ondina. Harmonias*).

Ondina

E' surdo, é surdo o espaço á voz que vem do crime!
No ceu tudo é pureza, no ceu tudo é sublime!
Não tens uma esperanza; no barathro cahiu
O astro teu fatidico que ao teu nascer luziu!...
Sumiu-se! afundou-se!... negrumes bagos, torvos,
Te envolvem qual sudario! Serás pasto de corvos!...
Fica, ludribio nosso, a ouvir-te esconjurar
Num funebre concerto o ceu, a terra e o mar!
Maldito! escuta e treme! attende os brados nossos
Tudo isso e mais do que te dizem os teus remorsos!...

(*Desapparece*).

Oscar — Justiça de Deus! pesas demais sobre mim!... Ah! (*Cae sobre a pedra*)

CORO PHANTASTICO DA NATUREZA

No som da tormenta, na brisa macia,
No mar que rebrame, no mar a brincar
Na estrella que brilha, no raio qu'estalla,
Vingança e remorso tu has de escutar

Vingança!! Vingança!! pois toda a natura
Socego não dá, e não dá lenitivo
A'quelle que traz esquecida a consciencia
Para elle seremos remorso bem vivo.

SCENA II

Oscar, Gretchen

Gretchen (*Sahindo da casa com um cantaro de barro na mão*) — A natureza está serena e calma, depois do temporal de hontem á noite. Como é doce e consoladora uma alvorada que foi estremecida com a ligeira colera dos elementos! Gustavo não pôde tardar. E' d'aquelle lado que ha de vir. (*Indica a esquerda*) Um homem deitado ali!... Coitado!... pobre mendigo a quem o cansasso e a fome extenuaram... (*Approximando-se*) Mas não... não é um mendigo!... Santo Deus! será algum moribundo!... Meu tio, meu tio... mas que farei?... Ah! (*Corre á bica e traz um pouco de agua no cantaro*) Talvez que uma pouca d'agua fresca nas fontes. (*Molha-lhe a testa*) Desgraçada creatura que tão desamparada cahiu sem um collo que lhe servisse do recosto!... Parece que torna a si!...

Oscar (*Voltando a si ainda debaixo das mesmas impressões*) — Oh! é muito!... é atroz este supplicio!

Gretchen — Que diz elle?!?

Oscar — Que foi isto?! Onde estou eu?... foi um sonho ou... (*Vendo Gretchen, recúa, cobrindo o rosto*) Ainda!...

Gretchen — Foge de mim!... porque?

Oscar — Oh! é horrivel, é horrivel!

Gretchen (*A'parte*) — Será um louco, meu Deus!... (*Alto*) sr. Cavalheiro; eu não lhe posso fazer mal; sou uma pobre moça que se compadeceu do seu abatimento.

Oscar — Uma moça... tu!... (*Reparando espavorido*) estas feiç es!... Que é isto que eu vejo?! Claridade medonha! tu me queimas as pupillas!...

Gretchen — Não volve o rosto... fale, diga o que tem... o que o afflige...

Oscar (*Comsigo aterrado*) — Passam-se aqui cousas superiores ao meu entendimento! duvido de tudo que vejo! (*Tocando nas mãos de Gretchen*) Mas, d'esta vez não é uma miragem!... (*Alto*) Vamos, minha menina, fale, fale muito... continue a falar... diga-me, está aqui ha muito tempo?... Ouviu umas vozes sinistras que reboavam ha pouco por estas paragens?

Gretchen — Vozes sinistras!... Não é lisongeiro senhor!... qualifica bem mal a minha voz e a minha canção.

Oscar (*Fitando-a*) — Como!? Pois era... (*A'parte*) Estas feiç es!

Gretchen — Era eu, eu só quem cantava ainda não ha meia hora...

Oscar — E mais ninguem cantou?...

Gretchen — Mais ninguem!

Oscar — Então aquella voz da ballada era sua?... e como

aprendeu esse canto?... e aquellas palavras... aquellas palavras... aonde as ouviu?

Gretchen (*Triste*). — Aonde eu as ouvi? aquellas palavras?... aquella canto?... Não lh'o poderia dizer. Porque tão longe se acha o dia em que o escutei pela vez primeira, que seria preciso remontar-me á mininice, ás minhas insomnias acalentadas no berço!... E' uma triste canção aquella, não é verdade? e no entanto ainda esta noite é que eu soube que é a historia de minha mãe! de minha infeliz mãe!

Oscar (*Rapido*). — De tua... de tua mãe?... repete, repete por piedade!... Essa triste ballada, falla...

Gretchen — De minha mãe; uma santa e angelica mãe.

Oscar — Uma santa, sim!... um anjo!... uma martyr... A letra dizia Maria!... Maria!... eis as suas feiç es!... E tua mãe morreu não é assim?...

Gretchen (*Triste*) — Morreu! Eu nunca a vi!

Oscar — Morreu, sim; devorada em prantos, suffocada pela dôr cruciante do abandono!... mas encontro-a outra vez em ti... Sim, filha!... tu és... tu és... (*Os soluços soffocam-no*).

Gretchen — Eu... sua filha!... (*Oscar quer falar e não pôde*) Mas é um louco!... (*Correndo para casa*) Meu tio! meu tio...

SCENA III

Oscar (*Só correndo desvairado, sem saber para onde Gretchen fugiu*) — Filha, filha, esvaiu-se tambem como as outras sombras... Mas não, ella esteve aqui eu a vi, contemplei-a, e não a pude espreitar ao coração!! Ao coração? Mas aonde está elle, aonde essa viscera que eu julgava ossificada. (*Apalpando o peito*) Aqui, aqui, no mesmo lugar, aonde eu por vezes sinto as garras cruentas do remorso!... Oh! mas elle agora palpita!... palpita por minha filha!... Minha voz profere este doce nome, este santo nome de filha!... E seria ella realmente?... Não terei sidô mais uma vez o ludibrio d'esses phantasmas que me perseguem?! Não! não!... eu a vi!... ella falou-me!... A consciencia diz-me... (*Outro tom!*) Que me diz a consciencia?... aonde está essa dormente que nunca até hoje deu accôrdo de si?... (*Vendo ao fundo a Sombra do remorso, que se some a pouco e pouco na neblina*) Eil-a!... lá vem!... vem contra mim!... pois vem!... não te receio mais! não tenho de que temer-te!... vem! quero eu mesmo interrogar-te sobre a filha que deixei sem pae!... quero na tua presença condemnar o inexoravel algoz!... Mas que?... ella foge? some-se?... é o remorso que se teme de mim... que me evita!... é isso!... Sinto aqui que tenho minha filha!... e no peito aonde entra o amor de uma filha, e remorso não tem, mais lugar! Ella ha de voltar... ha de vir outra vez falar-me. Diz-m'o a consciencia, esse lynce interior, essa gravitação do homem sobre o homem, que o domina, que o subjuga e o faz baquear. (*De Joelhos*) De joelhos... pois eu estou de joelhos... Bemdito seja o

Senhor, que ainda consentiu que eu pudesse ajoelhar-me... bendito estes primeiros raios de luz que são os prenuncios do verdadeiro arrebol de um convertido...

SCENA IV

Oscar, Gretchen, o Cura e depois Gustavo

Gretchen — Eil-o, meu tio!... mas veja... faz oração!...

Cura (*Reconhecendo-o*) — Elle! de joelhos?! Meu Deus! sois infinitamente misericordioso!... (*Chegando-se a Oscar*) Por que oraes assim, meu filho?

Oscar (*De joelhos agarrando as mãos do padre*) — Padre! meu padre!... ensine-me... ensine-me depressa a agradecer a Deus, que me enviou em minha filha o meu anjo redemptor!

Gretchen (*Correndo a Gustavo que entra da esquerda*) — Vem, Gustavo, vem!

Gustavo (*Reparando no quadro*) — Que significa isto, Gretchen?... Quem é aquelle homem que resa de joelhos?

Gretchen — E' um homem que diz ser meu pae.

Gustavo — Teu pae!... (*Aproxima-se e reconhece Oscar*) Elle?!... (*Com intima dôr*) Ah! Gretchen! minha Gretchen!... e assim te perco!...

Cura — Elle desmaia!... perde os sentidos!... Gretchen, ajuda-me!... (*Oscar desmaia nos braços de Gretchen e do Cura. Gustavo desaparece pelo mesmo lugar por onde entrou*) Adeus, Gretchen.

Gretchen (*Vendo Gustavo desaparecer, angustiada, sente-se atrever a abandonar Oscar*) — Gustavo! Gustavo! (*Cahe o pannol*)

Muller (*Dentro*) — Por aqui, por aqui!

FIM DO TERCEIRO ACTO E DO SEXTO QUADRO

ACTO IV

QUADRO VII

AMOR DE PAE

Gabinete rico em casa de Oscar Werner, uma mesa e uma á esquerda. Sobre a mesa, papel, pennas e tinta.

SCENA I

O Barão, o Major, Antonio

Antonio — Sr. Barão; julgo que meu amo não pôde neste momento receber a visita de V. Ex. e a do Sr. Major...

Major — Mas ha oito dias que procuramos falar-lhe, sem que nos seja possivel. Elle está incommodado?

Antonio — Não Senhor. Mas ha 8 dias exactamente que elle não recebe visita de ninguem á excepção do Sr. Cura de Rollandseck.

Barão — Não importa; diga-lhe que estão aqui o Barão de Garnier, e o Major de Quitzow...

Major — Não se esqueça de nomear-me: O Major de Quitzow!

Antonio — Sim senhor.

Barão — Elle já sabe para o que é. Diga-lhe que desejamos instantemente falar-lhe...

Antonio — Sim, Sr. Barão (*Sahe*)

SCENA II

O Major e o Barão

Barão — Mas que quer dizer, Major, está reservado, Sr. Oscar Werner para com todas as suas antigas visitas?

Major — Era nisso mesmo que eu ia falar-lhe ha pouco, sr. Barão. Desde aquelle fatal passeio ás ruinas de Rollandseck, em que o fomos encontrar sem sentidos, já dia claro, nos braços do Cura e de uma aldeãsinha, e que eu, o seu intendente e os

criados o conduzimos, naquelle mesmo estado, até aqui; as portas d'esta casa mal se abrem para todos os amigos que como nós vinham vel-o diariamente. Ninguem mais pôde por-lhe a vista em cima! o proprio Conde de Stollberg manifestou-se com elle e retirou-lhe a mão de sua filha.

Barão — Ou foi o sr. Werner quem não quiz?

Major — O Conde mesmo em pessoa foi quem m'o disse.

Barão — Mas enquanto a nós, segundo o que elle proprio nos manifestou na vespera d'aquelle jantar, esperava uma resposta do embaixador da Turquia. A estas horas deve já ter recebido uma decisão a respeito.

Major — Assim o penso tambem.

Barão — Mas quando se dê o caso de não sermos attendidos, hoje que a alliança entre nós está de todo firmada...

Major — Absolutamente firmada para todo o sempre.

Barão — Quando nada obtemos por aqui, far-lhe-hei saber o enorme alcance das minhas idéas politicas, e o Major verá que não têm remedio se não vir pedir o nosso auxilio. Eu sou a cabeça, o Major, o braço.

Major — E' isso. O Aarão será o Cavour do Oriente e eu o seu Garibaldi.

Barão — Cavour! Cavour tem muito que invejar-me! A minha idéa! a minha idéa!...

Major — Mas diga-me afinal, Barão; qual é essa grandiosa idéa que ainda não quiz revellar-me?

Barão — A minha idéa?! Oh! a minha idéa!... Faça o Major idéa...

Major — Faça eu idéa...

Barão — Mas perdão; ha um ponto muito importante em que o Major não concorda de todo commigo, e nesse caso...

Major — Mas se eu ignoro completamente qual seja a sua idéa, como posso não concordar em um ponto e muito importante?!

Barão — Sim senhor, muito importante. No ponto dos tiros! E' no ponto dos tiros que o Major...

Major — No ponto dos tiros?

Barão — Sim; foi no ponto dos tiros que o Major divergiu inteiramente da minha opinião. O Major é panegyrista dos tiros, eu não! O Major quer as victorias com sangue, eu não! Quero a victoria com o poder da idéa, da idéa por si só; da idéa avassallando os espiritos refractarios com o poder esmagador do seu alcance politico, social e humanitario! a victoria da idéa pela idéa! — Pela idéa principio, meio e fim! da idéa como unico elemento poderoso... *(Bate na testa)* e a idéa está aqui!

Major — Eu já vou fazendo idéa.

Barão — Toque, Major! Neste sincero aperto de mão vae a prova de quanto eu o aprecio! Vou revelar-lhe o que jámais revelei a pessoa alguma. Vou revelar-lhe...

Major — A sua idéa?...

Barão — Sim, a minha idéa, que depois de revelada pasará a ser a nossa idéa. Já a communiquei, quero dizer, já offereci o seu programma a todos os governos a quem ella pôde e deve interessar...

Major — E então?

Barão — Não a quizeram aceitar!

Major — Como! pois é possivel que não acceitassem a nossa idéa?!

Barão — Porque a não comprehenderam! Mas encontre eu, encontremos nós Major...

Major — E' verdade, encontremos nós... o que?

Barão — Uma provincia, uma cidade, uma aldeia a mais infima que seja, e que a abrace...

Major — E' isso, que abrace a nossa idéa...

Barão — E vel-a-hemos plantar-se immediatamente como arvore frondosa, a cuja sombra bemfeseja se abrigarão os mais relapsos espiritos da epocha. Imagine que a nossa idéa tem por base Athenas e Constantinopla.

Major *(Espantado)* — Oh! que immensa idéa! E por principio o que é que tem?

Barão — Constituir o grande Imperio do Oriente, sem disparar um só tiro! sem derramar um pingo de sangue!... hein?

Major — Nesse caso que papel faço eu na idéa?

Barão — O Major fica prompto a desembainhar a espada no ultimo extremo.

Major — No ultimo extremo?

Barão — Sim; quando a idéa corra o perigo de não vingar.

Major — Está dito. Mas se a idéa...

Barão — Silencio! vem gente. Não comprometamos o nosso segredo.

Major — E' justo; não o comprometamos!

SCENA III

Os mesmos, Antonio

Antonio *(Para o Barão)* — Meu amo manda entregar a v. ex.^a esta carta para que tenha a bondade de lê-la, e sente muito não poder falar-lhes nesta occasião. *(Sae)*.

Barão *(A meia voz)* — E' do embaixador turco. Está assignada.

Major *(O mesmo)* — São de certo as nossas nomeações. Finalmente!

Barão — Vejamos. *(Lê)* « Meu caro Oscar Werner!

Major — Meu caro Oscar Werner!

Barão *(Continuando a lêr)* — « Desejaria anciosamente en-
« contrar um ensejo de mostrar-lhe enquanto valor tenho uma
« recommendação sua. Porém, lamento que estenda a sua bonda-
« de a ponto de interessar-se por dous parvos!

Major — Hein?!

Barão — Está escripto. (*Continuando a lêr*). «O meu amigo, de certo não os conhece bem; é o que posso crer. O Barão de Garnier e o Major de Quintzow são dous parvos. Declaro-lhe com prazer que os não posso attender.» (*Olham attonitos um para o outro*).

Major — Está assignado?

Barão — Está, está assignado.

Major — Que lhe parece, Barão?

Barão — Eu já o esperava.

Major — E eu tambem devo confessal-o. Que nos resta fazer?

Barão — Unamo-nos Major. Começa a nossa cruzada! Vamos plantar...

Major — O que?

Barão — A nossa idéa.

Major — Aonde?

Barão — Lá fóra lh'o digó. Vamos depressa que eu sinto a cabeça em fogo!

Major — E eu tambem... tambem sinto... não sei o que. Vamos!... (*Vão a sair*).

Muller (*Apparecendo seguido do Cura*) — Retiram-se, meus senhores? Não poderam falar ao Sr. Werner?

Barão — Dispensamos.

Major — E' verdade, dispensamos (*Sahem*).

SCEEA IV

Muller, e depois Antonio

Muller — Póde entrar, sr. Cura, póde entrar. O sr. Werner espera-o. (*O Cura entra á esquerda*) Ainda hoje o meu querido amo não poderá mudar a sua tristeza em alegria? Já o merecia bem. Tem soffrido muito. (*Para Antonio que vem da esquerda*) Antonio, o sr. Cura ficou lá com o sr. Werner?

Antonio — Ficou; meu amo está escrevendo, mas creio que vem para esta sala. Então sempre é verdade, sr. Muller, que se desmanchou o casamento de meu amo com a filha do Conde de Stolberg?

Muller — E' verdade.

Antonio — Porque seria?

Muller — Ignoro.

Antonio — Pois eu desconfio que a razão vem toda d'alli. (*Aponta para a porta da direita*).

Muller — D'alli como?

Antonio — Sim; a outra noiva está alli dentro.

Muller — Não diga asneiras.

Antonio — E' o que lhe digo. Todo aquelle lado da casa ha uma semana que foi fechado para os criados. Só o sr. Cura é

quem lá entra. E digo-lh'o agora aqui em segredo, sr. Muller; no dia immediato ao passeio a Rollandseck, apesar de todas as precauções, eu vi o sr. Cura entrar para alli com a aldeãzinha que encontrámos lá no campo ao pé de meu amo, e na tarde d'esse mesmo dia vieram tambem duas aias que estão sempre com ella. Já se vê, portanto, que não é senão outra noiva, e que eu não digo asneiras. Mas meu amo trocar uma Condessa por uma aldeã!

Muller — Isso já não é asneira, é sacrilegio, sr. Antonio.

Antonio — Como assim?

Muller — Para que não comece a dar por ahi com a lingua nos dentes, como é o costume de vosmecês todos, vou informal-o da verdade. O sr. Werner não trocou uma Condessa por uma aldeã. Deixou apenas de dar a sua fortuna a uma mulher que não amava, para entregal-a a uma filha a quem adora.

Antonio — Sua filha!

Oscar (*Entrando da esquerda seguido do Cura*) — Deixem-nos sós. (*Antonio sahe*) Muller, fica ahi fóra na varanda.

Muller — Sim, senhor. (*Sahe*).

SCENA V

Oscar, o Cura

Oscar — Sente-se, meu amigo. (*O Cura senta-se*) Aqui estamos melhor. E' esta a sala em que eu passo os dias inteiros, porque estou o mais proximo que me é possivel de minha filha. Aquella porta é-me por ella mesmo vedado. Está aqui, sou seu pae, morro por vel-a e é ella que o não quer. Oh! este... este é que é o verdadeiro supplicio de minhas culpas, padre!... Hoje, que o amor de pae tem feito vibrar uma a uma todas as fibras do meu coração por tão longo tempo adormecido; hoje que eu meço bem com os olhos da minha consciencia acusadora toda a enormidade do mal que fiz a Maria, e todo o peso do meu crime, abandonando mãe e filha; hoje peço-lhe aqui, beijando-lhe a tremer as mãos, como filho arrependido, peço-lhe, padre: implore de minha filha que me veja, que me fale, que me chame pae!... E, se muito é, que me deixe ao menos olhar para aquelle lindo rosto... adorar-lhe os meigos olhos!... que me deixe pedir-lhe perdão!... Eu mereço-o... mereço-o!...

Cura — Merece sim; merece mais; merece que ella o ame, e ella ha de amal-o. Deus é juiz severo mas é pae de infinita bondade.

Oscar — Mas padre, meu padre, á filha d'esta alma é que eu imploro. Quero vê-la. Sofra eu embora todas as torturas da sua indiferença, todo o castigo do seu desamor, mas veja-a!... Não peço mais!... vê-la só! Ella condoer-se-hia de mim... e, á força de me ver adoral-a, perdoar-me-hia! Fale-lhe meu amigo!

Cura — Tenbo-lhe falado como sabe... mas sabe tambem

o que me pergunta sempre, com dolorosa ansiedade... qual a phrase que ella profere quando me vê com febril impaciencia.

Oscar — Sei; ella diz-lhe: «Gustavo! aonde está! o meu Gustavo?!» E chora porque o não vê... e chora porque o padre lh'o não traz!

Cura — E aquelles olhos pisam-se, aquellas faces tão de rosa impallidecem, aquelles beijos desmaiam com saudades dos seus sorrisos de criança, e aquella boca de tão meigas falas fica muda e cerrada!

Oscar — Mas meu amigo que hei de eu fazer?

Cura — Esperar!

Oscar — Esperar! esperar ainda, esperar sempre!... Mas aonde está elle, Gustavo? aonde se escondeu elle desde aquelle dia?... para onde foi?...

Cura — Falei-lhe já.

Oscar (*Com um raio de alegria*) — Como! meu amigo?! que diz? Viu? falou-lhe?

Cura — Falei-lhe antes de vir para aqui!

Oscar — Oh! e porque m'o não disse logo?

Cura — Confesso-lh'o. Regosijava-me interiormente de o ver soffrer assim; porque nessa dôr e nesse desespero via eu a formação completa de uma alma nova, e já bem digna de todo o perdão! Vi-o, falei-lhe.

Oscar — Traga-m'o, padre.

Cura — Trago sim. Só hoje pude dar com elle. Roguei a sua mãe com as mãos postas que me indicasse o lugar aonde o filho se refugiava. Disse-lhe que era para a sua felicidade. Ella, tremula de receio sahiu e foi prevenil-o. Gustavo tinha querido matar-se, a mãe lançara-se-lhe aos pés! Ameaçara então de fazê-lo se o denunciasses antes de partir para sempre da Alemanha. Por causa de sua mãe não o tinha já feito. Emfim, falei-lhe. Perguntou-me logo que me viu: «Gretchen aonde está? na aldeia? Voltou para a aldeia?...» — Não; respondi; está em casa de seu pae. — Em casa d'esse homem? não quero, não vou. Deixe-me, deixe-me meu pae. Gretchen não pôde mais ser minha, deixe-me com a minha dôr! Eu morro, porque sei que ella morre tambem!»

Oscar — Só as almas puras sabem amar assim!

Cura — Empenhei então a minha palavra de que elle tinha a obrigação de vir, e Deus me perdõe o engano com que o resolvi. Disse-lhe que era Gretchen que o esperava abraçada com seu pae. Veio; está perto d'esta casa. Agora chame sua filha e consiga que ella o abrace. Lave o peccado da minha mentira fazendo que seja uma verdade. Eu vou buscal-o.

Oscar — Mas, padre, minha filha não quer ver-me.

Cura — Illuda-a tambem. Mande dizer-lhe que sou eu que a chamo. Deus perdoar-me-ha estes enganos!... Ande, meu filho, faça com que Gretchen o abrace. Eu não me demoro cinco minutos.

Oscar — Sim, meu hom amigo. (*Toca uma campainha, Muller entra*) Muller, acompanhe o sr. Cura, e logo que elle volte, conduza-o pela porta secreta até esta saleta proxima com a pessoa que o acompanhar.

Cura — Fala-lhe com a abundancia de amor que ha hoje nesse coração. Ella ha-de acreditar que o pae a merece e ha-de abraçal-o. Até já. (*sahe com Muller*)

SCENA VI

Oscar e depois Martha

Oscar — Vou ver minha filha! Vou vel-a! vou falar-lhe!... Choro!... Como é bom chorar!... (*vae a porta da direita e pucha um reclamo. Martha apparece*) Sr.^a Martha, diga a minha filha que chegue a esta sala.

Martha — Perdão, meu senhor; mas a menina não vem, bem o sabe, é escusado pedir-lhe.

Oscar — Diga-lhe que é o senhor Cura quem a chama, e que a espera aqui. Eu tremo de confusão! Oh! Deus é immensamente justo! E' preciso que um pae tenha sido, como eu, infame e vil, para tremer por esta fórmula a aproximação de sua propria filha.

SCENA VII

Oscar, Gretchen

Gretchen (*vestida de aldeã*) — Como?! é o senhor?! Aonde está meu tio? Eu vim a chamado de meu tio. Aonde está Gustavo? Vamos, senhor, fale, aonde está Gustavo?

Oscar — Ouve, minha filha...

Gretchen — Sempre o engano! a mentira sempre! Porque me não matam de uma vez?... Mate-me, senhor! que lhe custa isso?... Não matou já minha mãe?!

Oscar — Filha! filha! tem piedade de mim!

Gretchen — Piedade?! E' o senhor que me fala de piedade?! Tem-na tido commigo por ventura?! Teve-a quando lhe pedi, logo que aqui cheguei, que me deixasse voltar para a minha aldeia, para junto de minha avó, de meu tio, de Gustavo, do meu Santo Christo, a quem fazia oração todas as manhãs, todas as tardes, todas as noutes? Piedade?! O senhor diz que é meu pae. Pois ao pae é que compete ser piedoso com a filha que nunca lhe fez mal, e não á filha com um pae que a mata lentamente. Quero eu porventura estar neste palacio, cujas paredes me esmagam? Eu que fui criada ao ar livre das campinas? Para que me prende por esta fórmula? para que me tortura tão barbaramente?

Tenha dó de mim que sou uma pobre criança! Deixe-me, senhor, deixe-me ir para a minha aldeia, e, serei eu quem lhe beijarei os pés! Que mais pôde querer quem pede piedade?

Oscar — Mas a tua felicidade, filha, um porvir todo de risos e venturas é que eu quero dar-te; e para t'ò dar eu sacrificaria a minha vida!

Gretchen — A minha felicidade?! E posso eu nunca encontrar a minha felicidade na companhia d'aquelle mesmo que m'a roubou? Eu era feliz enquanto o não conheci. Hoje que o conheço peço a morte a todos os instantes, tanta é a minha desesperança! Minha mãe foi uma martyr, que o senhor immolou! era uma santa creatura: ter-me-ia feito feliz com o seu amor de mãe. Não a conheci; mas hoje sei que não poderia imaginal-a melhor do que ella seria se houvesse vivido. Mas o senhor, meu pae?! Não, não é possível! Meu pae não existe. O senhor tem milhões e ama a vida; meu pae era pobre, e morreu! Eis a minha herança paterna! (*Tira do seio a moeda de cobre que Oscar segura*) A sua riqueza, senhor, é amaldiçoada por que é a desgraça de uma pobre criança, que nunca lhe fez mal, repito. Encarcere-me embora, mas ao menos dê-me quatro paredes nuas. Tire-me dos olhos aquellas joias, aquellas sedas todas, com que me aspixiam na minha prisão, e que me não deixam esquecer por um momento quanto sou infeliz.

Oscar — Mas, minha filha, essa riqueza toda é para ver-te como uma soberana, como uma fada deslumbrando pelo brilho exterior, como deslumbras bela belleza angelica do teu semblante. Eu nada quero para mim, filha. Esse ouro é todo teu, deixa-me apenas adorar-te no esplendor que essa mesma riqueza te facilita. Entrega-a a Gustavo, e faz de teu noivo um homem invejado de todos.

Gretchen — A Gustavo essa riqueza? Elle a repudiaria como eu o faço. A pobreza com o trabalho e a felicidade, eis a nossa riqueza. Não queremos outra. Elle me disse um dia falando da nossa pequena casa: «Dentro os meus livros e a tua costura. Durante o dia o trabalho que é a mais nobre sina do homem. A' hora do repouso muita tranquillidade nas nossas almas, sorrisos nos teus labios, e adorações nos meus.» Eis a felicidade, que o senhor nos roubou, depois disse-me tambem: «Tu rica de ouro?! Era o impossivel a erguer-se entre a nossa união!» Eis por que elle fugiu! E' por que suppõe ter-me perdido para sempre!

Oscar — Mas não ha tal, minha filha, elle não te perdeu; ao contrario. Eu quero abençoar essa união, que constitue a tua felicidade.

Gretchen — Pois bem, senhor, quer a minha felicidade? deixe-me ficar pobre, deixe-me ir para minha aldeia. Lá tenho a certeza de ver Gustavo; lá sinto que serei feliz! Deixe-me, senhor, e eu lhe agradecerei de joelhos.

Oscar — Deus de bondade! eu não tenho forças para este

martyrio, superior a todos quantos hei soffrido! Curvo-me ao teu poder; foste justo, sê misericordioso! Faze que minha filha me chame seu pae! ao pé d'ella sinto-me fraco e não sei como implorar-a. Filha! minha filha! pois eu acho-te no fim de 15 annos, quero remir as minhas culpas, entregando-me todo ao teu amor, na esperança de que um dia me abrace e me deixes imprimir-te na fronte um beijo, um beijo que será a minha redempção, que será o perdão de tua mãe, o perdão de Deus e queres que eu te deixe?... E' isso possível?! Não sabes que morro se te perco?... Não sabes que este coração que nunca amou, virgem de todos os affectos, tem um mundo de ternuras e de dedicação para te dar, e que elle estalaria de dôr se tu lhe fugisses? Não vês, filha, que eu choro?... Olha, estou de joelhos! Não lês nada neste pranto que me banha as faces? Não te diz uma voz intima que eu sou teu pae? Sou, sou teu pae! Filha não me fujas.

Gretchen (*Sensibilisada*) — Oh! o senhor não é mau, não! eu vejo que poderia talvez chamar-lhe pae; vejo que o poderia ainda amar e viver sempre a seu lado.

Oscar (*Louco de esperança*) — Tu, filha! chamares-me teu pae! amares-me! viveres sempre a meu lado?! é possível?...

Gretchen — E'. Vou sentindo que é possível.

Oscar — Como? fala! dize!

Gretchen — Venha commigo para a aldeia.

Oscar — Para a aldeia?...

Gretchen — Sim; fique pobre tambem e venha commigo. Gustavo irá ver-nos logo. Meu bom tio nos abençoará; as aves cantarão outra vez; e eu sorrirei, eu cantarei, eu serei feliz! Olhe, Gustavo é moço, tem muito talento, trabalha; elle terá orgulho em trabalhar para meu pae tambem. Venha... venha... que eu sinto que me lançarei em seus braços exclamando com todas as vozes d'alma: — Mãe! minha querida mãe, que estás no céu, achei meu pae e meu pae é bom! Perdôa-lhe porque elle é bom!

Oscar — Eu bom?! E é minha propria filha que promette chamar-m'ò. Filha! tu me enlouqueces! tu me fascinas! Mas dize-me, anjo, como hei de eu ficar pobre já neste momento... eu, que possuo 15 milhões?!

Gretchen — E' tão facil! Quer quo eu lh'o ensine?

Oscar — Tu?

Gretchen (*Sorrindo*) — Eu, sim.

Oscar — Encantadora criança! E depois abraças-me, chamamas-te teu pae, e deixas que eu te beije muitas vezes, que te aperte contra meu coração?!...

Gretchen — Deixo mais; deixo que me faça feliz. Vamos; sente-se e escreva.

Oscar (*Sentando-se á mesa*) — Dize.

Gretchen (*Dictando*) — Dou para os pobres de Rolandseck um milhão.

Oscar... Um milhão.

Gretchen — Dou mais para os pobres de toda a Alemanha o resto da minha fortuna, reservando apenas um pequeno dote para a minha filha Gretchen, igual ao maior que possa ter uma noiva d'aldeia, cujos paes sejam trabalhadores do campo.

Oscar... Do campo.

Gretchen — Agora assigne.

Oscar — (*Dando-lhe o papel*) — Aqui tens.

Gretchen (*Agitando o papel na mão e correndo pela scena*) — Gustavo! meu Gustavo!... Vem! vem! eu estou pobre. Sou outra vez a tua Gretchen! Ah! a felicidade torna-me louca! Sou feliz! Pae, meu querido pae! (*Cae nos braços de Oscar*). Oh! como é bom meu pae! Pae do meu amor! Pae da minha felicidade! (*Falam*).

Oscar (*Depois de a beijar com phrenesi*) — Ah! tenho o amor de minha filha! Oh! Deus! eu vos agradeço! E' a primeira vez que me sinto verdadeiramente feliz.

Gretchen — Vamos, meu pae, vamos ter com Gustavo e com meu tio.

SCENA VIII

Os mesmos Gustavo. e Cura

Gustavo — Gretchen! minha Gretchen!

Gretchen — Ah! Gustavo!... achei meu pae! Eil-o.

Gustavo (*Offerecendo-lhe a mão*) — Senhor!

Oscar — Sim! Sim! deixe-me apertar a sua mão, nobre mancebo. Serei digno da sua estima.

Gustavo — Ouvi tudo d'ali. Não é só digno; agora sou eu que devo pedir-lhe perdão.

Oscar — Perdão a mim?

Gustavo — Sim. Deixe-me beijar-lhe a mão que renunciou os esplendores de uma riqueza immensa pelo amor de sua filha. (*Beija-lhe a mão*).

Cura — Porém esse acto não póde ter valor. A nobreza da acção torna-o deveras digno d'essa fortuna legitimamente possuida.

Oscar — Não, meu padre. Eu não tenho, não posso mais ter direito a uma fortuna que renunciei da melhor vontade. Estou pobre, mas sinto-me tão feliz! Trabalharei a teu lado Gustavo. Que falta nos faz a riqueza do ouro, não é verdade, Gretchen?

Gretchen — Oh! nenhuma, meu querido pae! o nosso amor ha de valler-lhe mais.

Oscar — Ha de sim. Sinto-o aqui.

Cura — Mas sou eu que o não consinto. Não tem direito a essa fortuna? Tem, e direito sagrado. Ella è sua, muito sua, legitimamente sua, já o disse. A suprema abnegação com que ia desfazer-se d'ella, meu filho, é mais uma prova de quanto as al-

mas transviadas podem num momento tornar-se pela contricção e pela fé grandes e sublimes aos olhos de Deus! Aceito sim, em nome de Deus, primeiramente a esmola de um milhão para os pobres da nossa aldeia e da cidade de Coblença. Applicará outro milhão para reconstruir o castello aonde está a Santa de Rollandseck, em cuja Capella eu hei de casar os noivos, e que ha de ser-lhes fonte de immensas venturas. Por ultimo fica o meu Oscar obrigado a estender a mão benficiente a todo o pobre desvalido que d'ella necessitar, seja aonde fôr e seja quando fôr.

Oscar — Padre! estender a mão protectora ao desvalido, não é para os favorecidos da riqueza uma obrigação é um dever. Deixe-me beijar-lhe a mão.

Gustavo — Gretchen, se sobre a terra ha homens maus, é porque elles nem sempre encontram em seu caminho os anjos da sua redempção!

Gretchen — Meu Gustavo. (*Fica enlevada nelle*)

Oscar (*A meia voz ao Padre*) — Padre, Deus e Maria ter-me-hão perdoado?

Cura (*Num extasis de mysticismo religioso, olhos no ceu e como abstrahido*) — Não houve? (*A orchestra principia a introdução do côro celeste*) São harmonias celestes! (*Mutação á vista*)

QUADRO VIII

O PERDÃO

Apotheose. O fundo abre-se e vê-se Maria sobre um throno de nuvens e no meio de anjos. O fundo todo illuminado.

Cura (*Continuando*) — Eu vejo Maria num côro de anjos enviando-lhe o merecido perdão! (*Fica em extasis*).

Oscar (*Olha para o fundo*) — Oh! sim! sim! é Maria que lá do ceu me perdoa! (*Ajoelha. Quadro.*)

CORO CELESTE

LYRA THEATRAL

A mais completa e mais bonita collecção de monologos, cançonetas, scenas comicas, poesias, e comedias, que até hoje se tem publicado, cuidadosamente organizada por

José Vieira Ponfes

Livro indispensavel a todos os actores, amadores e casas de familia. Para intermedio das récitas particulares de sociedades dramaticas ou para maior brilho dos saráus familiares, encontrará o leitor na **Lyra Theatral** o que de mais delicado tem apparecido em **poesias dramaticas** e o que de mais chistoso nos tem dado em **monologos** e **cançonetas**, escriptores de reconhecido merito.

Recommendamos a todos os actores e amadores este precioso livro, que no seu genero é um verdadeiro thesouro !

Cis o indice:

O Senhorio Lusitano, Um noivo em cócegas, A morta galante, O angú do barão, Rindo, Por de cima... por debaixo, A cabra, o carneiro e o cevado, Descarrilar, O melro, Do mesmo lado, A lagrima, A lenda das rosas vermelhas, A'manhã vou pedil-a!..., Dona Hortencia, Amor por annexins (*comedia*), A mosca, O trio dos larapios da *Gran-Via*, A Judia!... (*dialogo*), O suicida, Um alho!, Dentada de sogra!, Soirée familiar, A pulga, Morreu a minha sogra!, O arame!, Descuidos..., Não acha minha senhora?, Os tres soldados, Rataplan, Para os pobres, Aos heróes de 1640, Se eu fosse rapaz!, Nas recepções da embaixada, Ul-lá-lá!, Os camarões, Quando a desgraça penetra... , O lenço da minha tia, O estudante alsaciano, O grande Elias, A minha sogra, O cháos, A confissão, O ponto, O socio, Capenga não fórma, Um monologo!..., Só no mundo, O pão fresco, O guarda-sol, O fiel, Sempre a andar, Trapalhada lyrica!..., Nos annos da mamã, O' Chico!, Vou recitar, Uma ária para tenôr, O vagabundo, Posso ser padre?, O dinheiro, Nem ella nem eu, Sem novidade, A exposição!..., Pst, pst!..., Sol,-lá,-si,-dó, O meu casamento, O dorminhôco, A pelle do urso, A fome no Ceará, O pintasilgo, Seu Anastaço chegô di viage, A Caridade e a Justiça, A' procura do Obéd..., Um sonho!, O album, O padre confessor (*dialogo*), Digo?... , Elle e ella...

Além de tudo isto, contém ainda a lindíssima comedia em um acto do distincto escriptor Arthur Azevedo, intitulada:

AMOR POR ANNEXINS

Representada milhares de vezes, com enorme successo em todos os theatros de Portugal e Brazil e muito propria para amadores e salas particulares.

55 monologos!, 17 cançonetas!, scenas comicas, duettos, tercettos, comedias, dialogos, etc., etc.

Um grosso volume de 300 paginas, 3\$000 réis.

LIVRARIA TEIXEIRA

4, Rua de S. João, 4 - S. PAULO

Bibliotheca Dramatica Popular

N.º	1	Dana de Bione, drama em 3 actos. 7 h. e 2 s.	2\$000
	2	Os Dois Jucas, comedia em 1 acto. 5 h. e 1 s.	1\$000
	3	Quincas Teixeira, com. em 1 acto. 4 h. e 1 s.	1\$000
	4	O Primeiro cliente, com. em 1 acto. 3 h. e 2 s.	1\$000
	5	Amor por annexins, com. em 1 acto. 1 h. e 1 s.	1\$000
	6	Uma prova de consideração, com. 1 acto. 1 h. 1 s.	1\$000
	7	Pinto Leitão & C.ª, disp. tragi-comico lyr. 1 a. 4 h. 1 s.	1\$000
	8	Os Dois Sargentos, drama em 3 actos. 10 h. e 2 s.	2\$000
	9	O Visconde da Rosa Branca, c. 1 acto. 2 h. e 2 s.	1\$000
	10	A Filha do Estalajadeiro, dr. 3 actos. 6 h. e 1 s.	2\$000
	11	A Noiva e a Teua, com. em 1 acto. 3 h. e 1 s.	1\$000
	12	O Pulcrão Negro, dr. em 4 actos. 11 h. e 3 s.	2\$000
	13	O Lenço Branco, com. em 3 actos. 4 h. e 2 s.	2\$000
	14	O Fogo do Céu (Relampago), dr. 3 actos. 2 h. e 2 s.	2\$000
	15	D. Juan da Pampilhosa!... com. 3 act. 5 h. e 2 s.	2\$000
	16	O Conde de S. Germano, dr. em 5 act. 16 h. e 2 s.	2\$000
	17	O Modelo Viro, dr. em 5 actos. 10 h. e 1 s.	2\$000
	18	O Expedicionario, dr. em 3 actos. 6 h. e 1 s.	2\$000
	19	A Viuva das Camélias, com. em 1 acto. 2 h. e 2 s.	1\$000
	20	A Filha do Marinheiro, dr. em 3 actos. 3 h. e 1 s.	2\$000
	21	Choro ou rio? com. em 1 acto. 2 h. e 1 s.	1\$000
	22	Sinos de Corneville, com. em 1 acto. 1 h. e 1 s.	1\$000
	23	Mudança á meia noite!... com. em 3 act. 4 h. e 1 s.	2\$000
	24	Dois estudantes no prégo! com. em 1 acto. 7 h. só	1\$000
	25	O Advogado da Honra, dr. em 3 actos. 6 h. e 1 s.	2\$000
	26	O Diabo atraz da porta!... com. em 1 acto. 4 h. 2 s.	1\$000
	27	Resonar sem dormir, com. em 1 acto. 3 h. e 1 s.	1\$000
	28	Abençoados pontapés! com. em 3 actos. 7 h. e 1 s.	2\$000
	29	Amor louco, dr. em 3 actos. 5 h. e 1 s.	2\$000
	30	Um disparate comico! com. em 1 acto. 4 h. só	1\$000
	31	Os sobrinhos do papá, com. em 3 actos. 6 h. e 1 s.	2\$000
	32	Um marido que é victima das modas, co. 1 at. 3 h. 1 s.	1\$000
	33	O Grande Hotel de Sarilhos!... com. 3 act. 8 h. 1 s.	2\$000
	34	O Espectro do passado, dr. em 3 act. 7 h. e 1 s.	2\$000
	35	Milagres de Santo Antonio, com. 1 acto. 4 h. e 2 s.	1\$000
	36	Arthur, o jogador, dr. em 3 actos. 10 homens só	2\$000
	37	Dois Mineiros na Corte, com. em 1 acto. 4 h. e 1 s.	2\$000
	38	Jocelyn, o pescador de baleias, dr. 4 act. 6 h. e 1 s.	2\$000
	39	Um noivo d'Alcanchões, com. em 1 acto. 6 h. só	1\$000
	40	Os Ladrões da Honra, dr. em 4 act. 7 h. e 1 s.	2\$000
	41	Simplicio Castanha & C.ª, com. em 1 acto. 5 h. só	1\$000
	42	Má peça!... com. em 1 acto. 4 h. e 2 s.	1\$000
	43	Dar corda para se enforcar, com. em 3 act. 4 h. 2 s.	2\$000
	44	Medico-mania! cm. em 1 acto. 5 h. e 1 s.	1\$000
	45	Valentes e medrosos! com. em 1 acto. 4 homens só	1\$000
	46	Ladrão de casa, drama em 1 acto. 5 homens só	1\$000

LIVRARIA DE C. TEIXEIRA

4 RUA DE S. JOÃO, 4—S. PAULO

